

17. A PADRONIZAÇÃO DO TEMPERAMENTO SEXUAL

Consideramos até agora, em pormenor, as personalidades aprovadas de cada sexo, entre três grupos primitivos. Vimos que os Arapesh — homens e mulheres — exibiam uma personalidade que, fora de nossas preocupações historicamente limitadas, chamaríamos maternal em seus aspectos parentais e feminina em seus aspectos sexuais. Encontramos homens, assim como mulheres, treinados a ser cooperativos, não-agressivos, suscetíveis às necessidades e exigências alheias. Não achamos idéia de que o sexo fosse uma poderosa força motriz quer para os homens quer para as mulheres. Em acentuado contraste com tais atitudes, verificamos, em meio aos Mundugumor, que homens e mulheres se desenvolviam como indivíduos impla-

cáveis, agressivos e positivamente sexuados, com um mínimo de aspectos carinhosos e maternos em sua personalidade. Homens e mulheres aproximavam-se bastante de um tipo de personalidade que, em nossa cultura, só iríamos encontrar num homem indisciplinado e extremamente violento. Nem os Arapesh nem os Mundugumor tiram proveito de um contraste entre os sexos; o ideal Arapesh é o homem dócil e suscetível, casado com uma mulher dócil e suscetível; o ideal Mundugumor é o homem violento e agressivo, casado com uma mulher também violenta e agressiva. Na terceira tribo, os Tchambuli, deparamos verdadeira inversão das atitudes sexuais de nossa própria cultura, sendo a mulher o parceiro dirigente, dominador e impessoal, e o homem a pessoa menos responsável e emocionalmente dependente. Estas três situações sugerem, portanto, uma conclusão muito definida. Se aquelas atitudes temperamentais que tradicionalmente reputamos femininas — tais como passividade, suscetibilidade e disposição de acalantar crianças — podem tão facilmente ser erigidas como padrão masculino numa tribo, e na outra ser prescritas para a maioria das mulheres, assim como para a maioria dos homens, não nos resta mais a menor base para considerar tais aspectos de comportamento como ligados ao sexo. E esta conclusão torna-se ainda mais forte quando observamos a verdadeira inversão, entre os Tchambuli, da posição de dominância dos dois sexos, a despeito da existência de instituições patrilineares formais.

O material sugere a possibilidade de afirmar que muitos, senão todos, traços de personalidade que chamamos de masculinos ou femininos apresentam-se ligeiramente vinculados ao sexo quanto às vestimentas, às maneiras e à forma do penteado que uma sociedade, em determinados períodos, atribui a um ou a outro sexo. Quando ponderamos o comportamento do típico homem ou mulher Arapesh, em contraste com o do típico homem ou mulher Mundugumor, a evidência é esmagadoramente a favor da força de condicionamento social. De nenhum outro modo podemos dar conta da uniformidade quase completa com que as crianças Arapesh se transformam em pessoas satisfeitas, passivas, seguras, enquanto que as crianças Mundugumor se convertem caracteristicamente em pessoas violentas, agressivas e inseguras. Só ao impacto do todo da cultura integrada sobre a criança em crescimento podemos atribuir a formação dos tipos contrastantes. Não há outra explicação de raça, dieta ou seleção que possamos aduzir para esclarecê-la. Somos forçados a concluir que a natureza humana é quase incrivelmente maleável, respondendo acurada e diferentemente a condições culturais contrastantes. As diferenças entre indivíduos que são mem-

bro de diferentes culturas, a exemplo das diferenças entre indivíduos dentro da mesma cultura, devem ser atribuídas quase inteiramente às diferenças de condicionamento, em particular durante a primeira infância, e a forma deste condicionamento é culturalmente determinada. As padronizadas diferenças de personalidade entre os sexos são desta ordem; criações culturais às quais cada geração, masculina e feminina, é treinada a conformar-se. Persiste entretanto o problema da origem dessas diferenças socialmente padronizadas.

Conquanto a importância básica do condicionamento social ainda seja imperfeitamente reconhecida — não apenas no pensamento leigo, mas até pelo cientista especificamente preocupado com tais assuntos — ir além e considerar a possível influência de variações no equipamento hereditário é empresa arriscada. As páginas seguintes não de oferecer um significado muito diferente para quem tenha integrado em seu pensar o reconhecimento do admirável mecanismo conjunto do condicionamento cultural — quem realmente haja acolhido o fato de que seria possível desenvolver a mesma criança como pleno partícipe em qualquer dessas três culturas — e outro para quem ainda acredite que as minúcias do comportamento cultural são transportadas no plasma germinativo individual. Se se disser, portanto, que, embora tenhamos captado a significação total da maleabilidade do organismo humano e a importância preponderante do condicionamento cultural, ainda restam outros problemas a solver, cumpre lembrar que esses problemas *se seguem* a tal compreensão da força do condicionamento; não podem precedê-la. As forças que levam as crianças nascidas entre os Arapesh a se desenvolverem em personalidades Arapesh típicas são inteiramente sociais, e qualquer discussão das variações ocorrentes deve ser visualizada contra este substrato social.

Com esta advertência em mente, podemos formular mais uma pergunta. Admitindo-se a maleabilidade da natureza humana, por que motivo surgem as diferenças entre as personalidades padronizadas que as diferentes culturas decretam para todos os seus membros, ou que uma cultura decreta para os membros de um sexo em contraste com os do sexo oposto? Se tais diferenças são culturalmente criadas, porquanto este material poderia sugerir muito fortemente que o são, se a criança recém-nascida é moldável com igual facilidade num Arapesh não-agressivo ou num agressivo Mundugumor, por que então ocorrem em geral esses contrastes impressionantes? Se as chaves das diferentes personalidades determinadas para os homens e mulheres, entre os Tchambuli, não residem na constitui-

ção física dos dois sexos — uma posição que nos incumbe rejeitar seja no caso dos Tchambuli seja no de nossa própria sociedade — onde havemos de achar as chaves em que os Tchambuli, os Arapesh e os Mundugumor se basearam? As culturas são feitas pelo homem, são construídas de materiais humanos; não estruturas diversas, porém comparáveis, dentro das quais os seres humanos podem atingir plena estatura humana. Sobre o quê construíram eles as suas diversidades?

Reconhecemos que uma cultura homogênea empenhada, desde as suas instituições mais graves aos costumes mais frágeis, em um rumo cooperativo, não-agressivo, pode inclinar cada criança a essa ênfase, algumas a um perfeito acordo com ela, a maioria a uma fácil aceitação, enquanto só alguns poucos desajustados deixam de receber o carimbo cultural. Considerar que certos traços como agressividade ou passividade estão ligados ao sexo não é possível à luz dos fatos. Terão semelhantes traços — como agressividade ou passividade, orgulho ou humildade, objetividade ou preocupação com relações pessoais, resposta fácil às necessidades do jovem e do fraco ou hostilidade em face destes, tendência a iniciar relações sexuais ou, apenas, a responder aos ditames de uma situação ou iniciativas de outra pessoa — terão estes traços alguma base no temperamento em geral? Serão eles potencialidades de todos os temperamentos humanos, que podem ser desenvolvidos por diferentes espécies de condicionamento social e que não aparecerão na falta do necessário condicionamento?

Quando propomos essa pergunta, deslocamos nossa ênfase. Se indagarmos por que um homem ou uma mulher Arapesh denotam o tipo de personalidade que consideramos na primeira parte deste livro, a resposta será: Por causa da cultura Arapesh, por causa da forma intrincada, elaborada e infalível pela qual uma cultura é capaz de moldar cada recém-nascido à imagem cultural. E se fizermos a mesma pergunta acerca de um homem ou mulher Mundugumor, ou a respeito de um homem Tchambuli comparado a uma mulher Tchambuli, a réplica será do mesmo gênero. Eles ostentam as personalidades peculiares às culturas em que nasceram e foram educados. Nossa atenção se concentrou nas diferenças entre homens e mulheres Arapesh como um grupo, e homens e mulheres Mundugumor como um grupo. É como se houvésemos representado a personalidade Arapesh por um amarelo-claro, a Mundugumor por um vermelho-escuro, enquanto a personalidade feminina Tchambuli fosse laranja-escuro e a do homem Tchambuli, verde-pálido. Mas se inquirirmos de onde proyeio a orientação original em cada cultura, de modo que uma se mostre agora amarela, outra vermelha, a terceira laranja e verde

segundo o sexo, cumpre então perscrutá-las mais de perto. E debruçando-nos mais próximos do quadro, é como se, por trás do brilhante amarelo consistente dos Arapesh e do vermelho-escuro outrossim consistente dos Mundugumor, atrás do laranja e verde dos Tchambuli, achássemos, em cada caso os delicados e apenas discerníveis contornos de todo o espectro, diferentemente revestido em cada caso pelo tom uniforme que o cobre. Esse espectro é a amplitude de diferenças individuais que se encontram atrás dos acentos culturais mais conspícuos, e é aí que devemos procurar a explicação da inspiração cultural, da fonte onde se abeberou cada cultura.

Parece haver igual amplitude de variação temperamental básica entre os Arapesh e os Mundugumor, embora o homem violento seja um desajustado na primeira sociedade e um líder na segunda. Se a natureza humana fosse matéria-prima totalmente homogênea, carente de impulsos específicos e caracterizada por diferenças constitucionais irrelevantes entre os indivíduos, então aqueles que apresentam traços de personalidade tão antitéticos à pressão social não deveriam reaparecer em sociedades com ênfases tão diversas. Se as variações entre indivíduos fossem atribuíveis a acidentes no processo genético, os mesmos acidentes não se repetiriam com freqüência análoga em culturas tão acentuadamente diferentes, com métodos de educação fortemente contrastantes.

Mas, pelo fato dessa mesma distribuição relativa de diferenças individuais aparecer em cultura após cultura, malgrado a divergência entre as culturas, parece apropriado oferecer uma hipótese para explicar sobre que bases as personalidades de homens e mulheres foram diversamente padronizadas com tanta freqüência na história da raça humana. Esta hipótese é uma extensão daquela aventada por Ruth Benedict em seu *Patterns of Culture*. Suponhamos que existam diferenças temperamentais definidas entre seres humanos que, se não são inteiramente hereditárias, pelo menos são estabelecidas numa base hereditária logo após o nascimento. (Mais do que isso, não podemos no momento aprofundar o assunto.) Estas diferenças, finalmente incorporadas à estrutura de caráter dos adultos, constituem, então, as chaves a partir das quais a cultura atua, selecionando como desejável um temperamento, ou uma combinação de tipos congruentes e relacionados, e incorporando esta escolha a cada fio da tessitura social — ao cuidar das crianças pequenas, aos jogos que as crianças praticam, às músicas que as pessoas cantam, à estrutura da organização política, às práticas religiosas, à arte e à filosofia.

Algumas sociedades primitivas tiveram tempo e robustez para reparar todas as suas instituições, de modo a ajustá-las a um tipo extremo, e a desenvolver técnicas educacionais, as quais hão de assegurar que a maioria de cada geração apresentará uma personalidade congruente com esta ênfase extrema. Outras sociedades trilhavam um caminho menos definido, selecionando seus modelos não dos indivíduos mais extremos, mais altamente diferenciados, porém dos tipos menos acentuados. Em tais sociedades, a personalidade aprovada é menos pronunciada e a cultura contém amiúde os tipos de inconsistências que muitos seres humanos também exibem; uma instituição pode ajustar-se aos usos do orgulho, outra a uma humildade casual que não é congruente nem com o orgulho, nem com o orgulho invertido. Tais sociedades, que adotaram como modelos os tipos mais comuns e menos agudamente definidos, muitas vezes revelam também uma estrutura social padronizada de modo menos definido. A cultura de tais sociedades é comparável a uma casa cuja decoração não foi composta por um gosto preciso e definido, por uma ênfase exclusiva na dignidade ou conforto, na pretensão ou beleza, mas onde foi incluído um pouco de cada efeito.

Alternativamente, uma cultura pode obter suas chaves, não de um temperamento, porém de vários. Mas, em vez de misturar numa mixórdia inconsistente as escolhas e ênfases de diferentes temperamentos, ou combiná-las num todo polido mas não particularmente diferenciado, pode isolar cada tipo, convertendo-o na base da personalidade social aprovada para um grupo de idade, de sexo, de casta ou de ocupação. Dessa forma, a sociedade torna-se não um tom uniforme com algumas manchas discrepantes de uma cor intrusa, porém um mosaico, com grupos diferentes apresentando diferentes traços de personalidade. Especializações como estas podem fundamentar-se em qualquer faceta dos dotes humanos — diferentes habilidades intelectuais, diferentes capacidades artísticas, traços emocionais diversos. Assim, os samoanos determinam que todos os jovens devem apresentar como traço de personalidade a ausência de agressividade e punem com opróbrio a criança agressiva que apresenta traços considerados apropriados somente em homens nobres de meia-idade. Nas sociedades baseadas em idéias elaboradas de hierarquia, os membros da aristocracia serão autorizados, compelidos mesmo, a demonstrar orgulho, sensibilidade a insultos, que seriam condenados como impróprios em membros das classes plebéias. Assim também, em grupos profissionais, ou em seitas religiosas, alguns traços temperamentais são selecionados e institucionalizados, e ensinados a cada novo membro que ingressa na profissão ou seita. Da mesma forma,

o médico aprende o modo de tratar que é o comportamento natural de alguns temperamentos e o comportamento-padrão do clínico geral na profissão médica; o Quacre aprende, pelo menos, o comportamento exterior e os rudimentos da meditação, a capacidade que não é, necessariamente, característica inata de muitos dos membros da Society of Friends¹.

O mesmo acontece com as personalidades sociais dos dois sexos. Os traços que ocorrem em alguns membros de cada sexo são especialmente consignados a um sexo e denegados a outro. A história da definição social das diferenças de sexo está cheia de tais arranjos arbitrários no campo intelectual e artístico, mas, em virtude da suposta congruência entre sexo fisiológico e dotação emocional, têm sido menos capazes de reconhecer que uma similar seleção arbitrária é feita também entre os traços emocionais. Admitimos que, por convir a uma mãe o desejo de cuidar de sua criança, se trata de um traço com que as mulheres foram mais prodigamente dotadas por um cuidadoso processo teleológico de evolução. Admitimos que, pelo fato de os homens caçarem, uma atividade que requer arrojo, bravura e iniciativa, foram dotados com estas proveitosas atitudes como parte de seu temperamento de sexo.

As sociedades fizeram estas suposições quer aberta quer implicitamente. Se uma sociedade insiste em que a guerra é a ocupação mais importante para o sexo masculino, estará por conseguinte insistindo em que todos os meninos demonstrem bravura e belicosidade. Mesmo que a acentuação da bravura diferencial de homens e mulheres não venha a articular-se, a diferença em ocupação torna implícito este ponto. Quando, entretanto, uma sociedade vai adiante e define os homens como corajosos e as mulheres como medrosas, quando aqueles são proibidos de mostrar medo e a estas se perdoa a demonstração mais flagrante de medo, introduz-se um elemento mais explícito. Coragem, ódio a qualquer fraqueza, ao recuo diante da dor ou do perigo — esta atitude, que é um componente tão forte de alguns temperamentos humanos, foi escolhida como chave do comportamento masculino. A franca demonstração do medo ou do sofrimento, que é congênial a um temperamento diferente, foi convertida em chave do comportamento feminino.

Originalmente duas variações do temperamento humano, um ódio ao medo ou desejo de exibi-lo, viram-se socialmente traduzidas em aspectos inalienáveis das perso-

(1) Sociedade de Amigos, ordem dos Quacres.

nalidades dos dois sexos. E nessa definida personalidade do sexo toda criança será educada, se for menino, para suprimir o medo, se for menina, para demonstrá-lo. Se não houver uma seleção social com respeito a este traço, o temperamento altivo, que é avesso a qualquer frouxidão de sentimentos, manifestar-se-á, independentemente do sexo, pela dureza do queixo. Sem uma taxativa proibição de tal comportamento, o homem ou a mulher francos e expressivos não de chorar ou comentar o medo e o sofrimento. Tais atitudes, fortemente marcadas em certos temperamentos, podem por seleção social ser padronizadas ou proibidas para todos, ignoradas pela sociedade, ou convertidas no comportamento aprovado e exclusivo de um único sexo.

Nem os Arapesh, nem os Mundugumor estabeleceram qualquer atitude específica para o sexo. Todas as energias da cultura foram dirigidas para a criação de um único tipo humano, independente de classe, idade ou sexo. Não há divisões entre classes etárias em relação às quais se considerem adequados motivos e atitudes morais diferentes. Não há classe de videntes ou profetas que permaneçam à parte, bebendo inspiração em fontes psicológicas inacessíveis à maioria das pessoas. Os Mundugumor fizeram, é verdade, uma seleção arbitrária, quando reconheceram habilidade artística apenas em indivíduos nascidos com o cordão umbilical em volta do pescoço, e negaram firmemente o feliz exercício da habilidade artística aos nascidos de maneira menos incomum. O menino Arapesh com infecção de sarna foi socialmente selecionado para tornar-se um indivíduo descontente e anti-social, e a sociedade força crianças alegres e cooperativas, amaldiçoadas com essa doença, a se aproximarem por fim do comportamento próprio de um pária. Com estas duas exceções, nenhum papel emocional é imposto ao indivíduo em razão de nascimento ou de acaso. Assim como não há entre eles idéia de grau que declare alguns de posição social elevada e outros baixa, tampouco há idéia de diferença sexífera que proclame a necessidade de um sexo sentir diversamente do outro. Uma possível construção² social imaginativa, a atribuição de diferentes personalidades a diferentes membros da comunidade classificados em grupos de casta, sexo e idade, não existe.

Entretanto, quando nos voltamos para os Tchambuli, encontramos uma situação que, conquanto bizarra em um aspecto, parece, não obstante, mais compreensível em outro. Os Tchambuli, ao menos, levaram em consideração

(2) No sentido de *construct mental*.

as diferenças de sexo: usaram o fato óbvio do sexo como um ponto de organização para a formação da personalidade social, mesmo que nos pareça terem invertido o quadro normal. Embora haja motivo para acreditar que nem toda mulher Tchambuli nasce com um temperamento dominador, organizador e administrativo, ativamente sexual e disposta a tomar a iniciativa nas relações sexuais, possessiva, determinada, prática e impessoal em suas perspectivas, ainda assim a maioria das meninas Tchambuli cresce com estes traços. E, embora existam provas definitivas a demonstrar que os homens Tchambuli não são, por dotes inatos, os atores delicados e responsáveis de uma peça encenada em benefício das mulheres, ainda assim a maioria dos meninos Tchambuli manifesta no mais das vezes essa personalidade vaidosa de ator. Visto que a formulação Tchambuli de atitudes de sexo contradiz nossas premissas comuns, podemos ver claramente que a sua cultura atribuiu arbitrariamente certos traços humanos às mulheres e imputou outros, da mesma forma arbitrária, aos homens.

Se aceitarmos, então, essa evidência tirada dessas sociedades simples que, através de séculos de isolamento da corrente principal da história humana, conseguiram desenvolver culturas mais extremas e surpreendentes do que é possível sob condições históricas de grande intercomunicação entre povos e a resultante heterogeneidade, quais são as implicações desses resultados? Que conclusões podemos extrair de um estudo da forma pela qual uma cultura seleciona alguns traços da extensa gama de dotes humanos e especializa esses traços ou para um sexo, ou para toda a comunidade? Que importância tem esses resultados para o pensamento social? Antes de considerarmos esta questão, será necessário discutir mais pormenorizadamente a posição do desajustado, o indivíduo cuja disposição inata é tão estranha à personalidade social exigida por sua cultura para sua idade, sexo, ou casta, que jamais conseguirá usar perfeitamente a vestimenta de personalidade que sua sociedade lhe confeccionou.

18. INADAPTADO

Quais são as implicações de uma compreensão do inadaptado social, do ponto de vista esboçado no último capítulo? Sob o termo "inadaptado" inclui qualquer indivíduo que, por disposições inatas ou acidente da primeira educação, ou mediante as influências contraditórias de uma situação cultural heterogênea, foi culturalmente "cassado", o indivíduo para quem as ênfases mais importantes de sua sociedade parecem absurdas, irrealis, insustentáveis ou completamente erradas. O homem médio, em qualquer sociedade, perscruta o próprio coração e nele encontra um reflexo do mundo à sua volta. O delicado processo educacional que o tornou adulto assegurou-lhe essa pertinência espiritual à sua própria sociedade. Isso, porém, não é verdadeiro no caso do indivíduo para cujos dotes tempe-

ramentais sua sociedade não tem emprego, e nem sequer tolerância. A mais superficial inspeção de nossa história é suficiente para demonstrar que dotes exaltados num século são desaprovados no seguinte. Homens que seriam santos na Idade Média não têm vocação nas modernas Inglaterra e América. Quando consideramos sociedades primitivas que selecionaram atitudes muito mais extremas e contrastantes do que o fizeram as nossas próprias culturas ancestrais, o assunto se torna ainda mais claro. Na medida em que uma cultura é integrada e definida em seus objetivos, intransigente em suas preferências morais e espirituais, nesta mesma medida condena alguns de seus membros — membros apenas por nascimento — a viver alheios a ela, na melhor das hipóteses em perplexidade e no pior dos casos numa rebelião que pode dar em loucura.

Tornou-se moda agrupar todos aqueles que não aceitam a norma cultural como neuróticos, indivíduos alienados da "realidade" (isto é, das soluções atuais de sua própria sociedade) para o conforto ou inspiração de situações fantasiosas, refugiando-se em alguma filosofia transcendente, na arte, no radicalismo político ou, simplesmente, na inversão sexual ou outra qualquer idiossincrasia elaborada de comportamento — vegetarianismo ou uso de cilício. O neurótico é, ademais, considerado imaturo; não cresceu o suficiente para compreender as motivações obviamente realistas e louváveis de sua própria sociedade.

Nesta definição cobre-tudo, dois conceitos bem diversos ficaram borrados e confusos, um inutilizando o outro. Entre os desadaptados de qualquer sociedade, é possível distinguir aqueles que são fisiologicamente inadequados. Talvez tenham intelectos fracos ou glândulas defeituosas; alguma das possíveis fraquezas orgânicas pode predeterminá-los ao fracasso em qualquer das mais simples tarefas. Talvez — rara, muito raramente se encontram tais indivíduos — tenham praticamente todo o equipamento fisiológico do sexo oposto. Nenhum desses indivíduos sofre de qualquer discrepância entre um pendor puramente temperamental e a ênfase social; são meramente fracos e defeituosos, ou são anormais no sentido de que se acham num grupo que se desvia demasiado dos padrões culturais humanos — não padrões culturais particulares — para que possa funcionar efetivamente. A tais indivíduos, toda sociedade deve proporcionar um ambiente mais brando, mais limitado, ou mais particular do que aquele que oferece à maioria de seus membros.

Existe, porém, outro tipo de neurótico, continuamente confundido com estes indivíduos fisiologicamente defeituosos; trata-se do desajustado cultural, aquele que está em desacordo com os valores de sua sociedade. A moderna

psiquiatria tende a atribuir todo o seu desajustamento a condicionamento precoce e, assim, coloca-o na odiosa categoria dos psicicamente aleijados. O estudo das condições primitivas não corrobora uma explicação tão simples. Não explica o fato de que sempre esses indivíduos que mostram acentuadas predisposições temperamentais em oposição às ênfases culturais é que são, em cada sociedade, as pessoas desajustadas; ou o fato de que o tipo de indivíduo que é desajustado entre os Mundugumor é diferente do tipo que o é entre os Arapesh. Não explica por que tanto uma América materialista e azafamada como uma tribo materialista e azafamada das Ilhas do Almirantado produzem vagabundos, ou por que o indivíduo dotado de uma capacidade de sentir intensamente é que é desajustado em Zuni ou em Samoa. Tal material sugere a existência de outro tipo de indivíduo desajustado, cujo malogro no ajustamento deveria atribuir-se não à sua própria fraqueza e deficiência, não ao acaso ou à doença, mas a uma discrepância fundamental entre sua disposição inata e os padrões da sua sociedade.

Quando a sociedade não é estratificada e as personalidades sociais de ambos os sexos são fundamentalmente semelhantes, estes desadaptados procedem indiscriminadamente dos dois sexos. Entre os Arapesh o homem violento e a mulher violenta, entre os Mundugumor o homem e a mulher confiantes e cooperativos, são os desadaptados. A auto-estima demasiado positiva determina o desajustamento entre os Arapesh, a auto-estima demasiado negativa é um defeito igual entre os Mundugumor. Em capítulos anteriores, discutimos as personalidades de alguns desses indivíduos desadaptados e mostramos como os mesmos dotes que a sociedade Mundugumor teria honrado eram desaprovados entre os Arapesh, como a Wabe, Temos e Amitoa se afiguraria compreensível a vida Mundugumor, enquanto Ombléan e Kwenda estariam à vontade entre os Arapesh. Contudo, a alienação desses dois grupos em suas próprias culturas, a despeito de prejudicar seu funcionamento social, reduzindo os empregos em que seus dotes poderiam aplicar-se, não obstante deixou ileso seu funcionamento psicossocial. Os impulsos positivos de Amitoa levaram-na a comportar-se não como um homem, mas como uma mulher das Planícies. O amor de Ombléan pelas crianças e seu desejo de trabalhar ativamente a fim de cuidar de muitos dependentes não o tornavam suspeito de ser como uma mulher, nem provocava em seus companheiros uma acusação de efeminação. Amando as crianças, a paz e a ordem, seu comportamento poderia parecer-se ao de alguns homens brancos, ou alguma tribo que eles nunca viram, mas certamente se parecia tão pouco ao de uma mulher

Mundugumor quanto ao de um homem Mundugumor. Não havia homossexualismo nem entre os Arapesh nem entre os Mundugumor.

No entanto, qualquer sociedade que especializa seus tipos de personalidade pelo sexo, que insiste em que qualquer traço — amor pelas crianças, interesse pela arte, bravura em face do perigo, tagarelice, falta de interesse em relações pessoais, passividade nas relações sexuais; há centenas de traços dos mais diversos tipos que foram assim especializados — está inalienavelmente ligado ao sexo, pavimentando o caminho para uma espécie de desajustamento da pior ordem. Onde não existe tal dicotomia, um homem pode fitar tristemente seu mundo e achá-lo essencialmente sem significado, mas mesmo assim casar-se e criar filhos, encontrando talvez um alívio definitivo de sua infelicidade nessa participação total numa forma social reconhecida. Uma mulher pode devanear a vida inteira com um mundo onde haja dignidade e orgulho em vez da medíocre moralidade mercenária que ela encontra à sua volta e, ainda assim, cumprimentar o marido com um sorriso franco e cuidar dos filhos num ataque de crupe. O desadaptado pode transferir seu senso de estranheza à pintura, à música, ou a uma atividade revolucionária e, apesar disso, permanecer essencialmente lúcido em sua vida pessoal, em suas relações com os membros de seu próprio sexo e os do sexo oposto. Não é assim, entretanto, numa sociedade que, como a dos Tchambuli ou a da Europa e América históricas, define alguns traços de temperamento como masculinos e outros como femininos. Em aditamento ou à parte da dor de haver nascido numa cultura cujas metas reconhecidas ele não pode fazer suas, um homem assim vê-se agora em muitos casos assaltado por uma angústia complementar, a de ser perturbado em sua vida psico-sexual. Os seus sentimentos são não só incorretos, mas também, e o que é muito pior e mais desconcertante, são os de uma mulher. O ponto significativo não é se esta desorientação, que torna os objetivos definidos das mulheres de sua sociedade compreensíveis para ele e os objetivos dos homens alheios e desagradáveis, resulta numa inversão ou não. Nos casos extremos em que o temperamento de um homem concorda muito de perto com a personalidade feminina aprovada, e se existe uma forma social atrás da qual possa abrigar-se, um homem pode voltar-se para a inversão declarada e para o travestismo.¹ Entre os índios das Planícies, o indivíduo que preferia as atividades plácidas das mulheres às atividades perigosas e

(1) O neologismo faz-se necessário para a clareza do conceito.

torturantes dos homens podia exprimir sua preferência em termos de sexo; era-lhe dado assumir roupagens e ocupações femininas e proclamar que, na verdade, era mais mulher do que homem. Entre os Mundugumor, onde não existe tal padrão, um homem pode orientar-se para atividades femininas, tais como a pesca, sem que lhe ocorra simbolizar seu comportamento em vestimentas femininas. Não havendo qualquer contraste entre os sexos e nem qualquer tradição de travestismo, uma variação na preferência temperamental não resulta nem em homossexualismo, nem em travestismo. Por estar distribuído desigualmente pelo mundo, parece claro que o travesti não é apenas uma variação que ocorre quando existem diferentes personalidades decretadas para homens e mulheres, mas que não ocorre, necessariamente, nem mesmo aí. É de fato uma invenção social que se estabeleceu entre os índios americanos e na Sibéria, mas não na Oceania.

Observei com alguns detalhes o comportamento de um jovem índio americano que era, com toda a probabilidade, um invertido inato, durante o período em que justamente estava tornando explícito o seu travestismo. Este homem mostrara, quando menino pequeno, traços femininos tão acentuados que um grupo de mulheres capturara-o certa vez e despirava-o para descobrir se era mesmo um menino. Conforme foi crescendo, começou a especializar-se em ocupações femininas e a usar roupa branca feminina, embora exteriormente ainda preferisse trajes masculinos. Levava nos bolsos, porém, grande variedade de anéis e braceletes, como os que somente as mulheres usavam. Nas festas em que os sexos dançavam separadamente, começava a noite vestido como homem e dançando como homem e depois, como se agisse sob irresistível compulsão, começava a aproximar-se cada vez mais das mulheres e, ao fazê-lo, colocava uma jóia após outra. Finalmente, aparecia um xale, e, no término da noite, estava vestido qual um *berdache*, um travesti. As pessoas já estavam referindo-se a ele como "ela". Citei este caso no presente contexto para deixar claro que se trata do tipo de indivíduo desajustado a que esta discussão não diz respeito. Sua aberração parecia ter uma origem fisiológica específica; não era uma mera variação temperamental que sua sociedade resolvera definir como feminina.

Essa discussão não concerne nem aos invertidos congênitos, nem ao comportamento público do homossexual praticante. Existem formas, é verdade, pelas quais os diferentes tipos de desajustamento se cruzam e reforçam uns aos outros, e é possível encontrar o invertido congênito entre os que buscaram abrigo no travestismo. Mas os inadaptados que ora nos interessam são os indivíduos cujo

ajustamento à vida é condicionado por sua afinidade temperamental com um tipo de comportamento considerado inatural a seu próprio sexo e natural ao sexo oposto. A fim de produzir este tipo de desajustamento, faz-se necessário não só uma personalidade social definida aprovada, mas é preciso que também esta personalidade seja rigidamente limitada a um dos sexos. A coerção exercida com o fito de levar o indivíduo a comportar-se como membro de seu próprio sexo converte-se num dos instrumentos mais fortes com que a sociedade tenta moldar a criança em crescimento nas formas aceitas. Uma sociedade destituída de uma rígida dicotomia de sexo diz simplesmente à criança que denota traços de comportamento aberrante: "Não aja dessa forma". "As pessoas não fazem isso." "Se você se comportar desse modo, ninguém vai gostar de você." "Se você se portar dessa forma, nunca se casará." "Se você se portar assim, as pessoas o enfeitirão", e assim por diante. Invoca — como no caso do pendor natural da criança a rir, chorar ou zangar-se em lugares impróprios, a ver insultos onde não existem ou deixar de perceber um insulto pretendido — considerações da conduta humana como socialmente definidas, não de conduta determinada pelo sexo. O estribilho da canção disciplinadora é: "Você não será um verdadeiro ser humano, a menos que suprima essas tendências incompatíveis com nossa definição de humanidade". Porém não ocorre aos Arapesh nem aos Mundugumor acrescentar: "Você não se está comportando de forma alguma como um menino. Está-se comportando como uma menina", mesmo quando realmente possa ser este o caso. Cabe lembrar que, entre os Arapesh, os meninos, devido à tênue diferença de tratamento dos pais, choram mais do que as meninas e têm acessos de cólera até bem tarde. Entretanto, em virtude de não haver idéia de diferença de sexo no comportamento emocional, esta diferença real nunca foi invocada. Nas sociedades em que não existe dicotomia sexual de temperamento, um aspecto, um aspecto básico, do sentimento da criança acerca de sua posição no universo não é levado a desafio — a autenticidade de sua pertinência ao seu próprio sexo. Pode continuar observando o modo de conjugação dos mais velhos e padronizar suas esperanças e pretensões segundo esse modo. Não é obrigada a identificar-se com um progenitor do sexo oposto quando lhe dizem que seu próprio sexo é assaz discutível. Uma leve imitação do pai por parte da filha, ou da mãe por parte do filho, não é aproveitada e convertida em exprobração, ou em profecia de que a menina crescerá masculinizada ou o menino efeminado. As crianças Arapesh e Mundugumor são poupadas dessa forma de confusão.

Consideremos, em compensação, a forma pela qual as crianças de nossa cultura são pressionadas à submissão: "Não se comporte como uma menina". "As meninas não fazem isso." A ameaça de que não irá comportar-se como membro de seu próprio sexo é usada para impor mil detalhes de rotina educacional e asseio, maneiras de sentar e descansar, idéias de esportividade e honestidade, padrões de expressão de emoções e uma multidão de outros pontos em que reconhecemos diferenças de sexo socialmente definidas, tais como limites de vaidade pessoal, interesse em roupas ou em acontecimentos atuais. De um lado para o outro, tece a lançadeira do comentário: "Meninas não fazem isso", "Você não quer crescer para tornar-se um homem de verdade como papai?", emaranhando as emoções da criança numa confusão que, se ela for infeliz bastante para possuir, mesmo em pequeno grau, o temperamento aprovado para o sexo oposto, pode evitar o estabelecimento de qualquer ajustamento adequado a seu mundo. Toda vez que se toca no ponto de conformação do sexo, toda vez que o sexo da criança é invocado como motivo pelo qual deveria preferir calças a saias, bastões de beisebol a bonecas, murros a lágrimas, incute-se na mente da criança um medo de que, apesar da evidência anatômica contrária, ela pode realmente não pertencer ao seu próprio sexo.

O pequeno peso da evidência anatômica do próprio sexo, comparada com o condicionamento social, foi vividamente dramatizado há pouco tempo numa cidade do Centro-Oeste americano, onde se encontrou um menino que por doze anos vivera como menina, sob o nome de Maggie, executando tarefas e usando roupas de menina. Ele descobrira, vários anos antes, que sua anatomia era de menino, mas isso não lhe sugerira a possibilidade de ser socialmente classificado como tal. Não obstante, quando assistentes sociais descobriram o caso e modificaram a sua classificação, ele não mostrou quaisquer traços de inversão; tratava-se apenas de um menino erroneamente classificado como menina, e cujos pais, por razões que não se descobriram, se recusavam a reconhecer e retificar seu erro. Esse estranho caso revela a força da classificação social, em oposição à mera qualidade de membro anatômico de um sexo, e é essa classificação social que permite à sociedade implantar nas mentes infantis dúvidas e confusões sobre sua posição sexual.

Tal pressão social exerce-se de várias maneiras. Primeiro, a ameaça de "cassação" de sexo contra a criança que apresenta tendências aberrantes, o menino que não gosta de brincadeiras violentas ou que chora quando é repreendido, a menina que só se interessa por aventuras,

ou prefere bater em suas companheiras de folgedos a derramar-se em lágrimas. Em segundo lugar, a atribuição das emoções definidas como femininas ao menino que mostra a mais leve preferência por uma das ocupações ou distrações superficialmente limitadas pelo sexo. O interesse de um garoto pelo tricô pode nascer do prazer na própria habilidade para manipular uma agulha; seu interesse pelo cozinhar pode derivar de um tipo de interesse que mais tarde o levaria a ser um químico de primeira classe; seu interesse por bonecas pode surgir não de sentimentos ternos e carinhosos, mas do desejo de dramatizar algum incidente. Da mesma forma, o irresistível interesse de uma menina pela equitação poderá originar-se do deleite com sua própria coordenação física no lombo do cavalo, o interesse pelo telégrafo do irmão pode vir do orgulho de sua eficiência no manejo do código Morse. Alguma potencialidade física, intelectual ou artística pode casualmente expressar-se numa atividade supostamente apropriada ao sexo oposto. Tem isso duas conseqüências: a criança é censurada em sua escolha e acusada de ter as emoções do sexo oposto, e também pelo fato da escolha ocupacional ou do passatempo arrastá-la mais para o sexo oposto, poderá com o tempo adotar muito do comportamento socialmente limitado àquele sexo oposto.

Uma terceira forma pela qual nossa dicotomia da personalidade social segundo o sexo afeta a criança em crescimento é a base que lhe fornece para uma identificação inversa com os pais. Na moderna psiquiatria, é familiar invocar a identificação do menino com a mãe para explicar sua adoção subsequente de um papel passivo com referência aos membros de seu próprio sexo. Pressupõe-se que, através de uma distorção do curso normal do desenvolvimento da personalidade, o menino deixa de identificar-se com o pai, perdendo a chave para o comportamento "masculino" normal. Ora, não resta dúvida de que a criança em desenvolvimento, ao procurar as chaves de seu papel social na vida, comumente encontra os modelos mais importantes naqueles com os quais se viu ligado, durante a infância, por relação de parentesco. No entanto, minha sugestão é que ainda temos de explicar por que ocorrem essas identificações e que a causa não reside numa feminilidade básica do temperamento do menino pequeno, mas na existência de uma dicotomia entre o comportamento padronizado dos sexos. Devemos descobrir por que determinada criança prefere identificar-se com o progenitor do sexo oposto. As categorias sociais mais evidentes em nossa sociedade — na maioria delas — são os dois sexos. Roupas, ocupações, vocabulário, tudo serve para atrair a atenção da criança para a sua semelhança

com o progenitor do mesmo sexo. Não obstante, algumas crianças, desafiando toda esta pressão, escolhem os pais do sexo oposto, não para amá-los mais, porém como as pessoas a cujos estímulos e finalidades mais se identificam, cujas escolhas sentem poderem assumir quando crescerem.

Antes de nos aprofundarmos nesta questão, gostaria de reapresentar minha hipótese. Sugeri que certos traços humanos foram socialmente especificados como atitudes e comportamento próprios de um único sexo, enquanto outros traços humanos o foram para o sexo oposto. Esta especificação social é, então, racionalizada numa teoria de que o comportamento socialmente decretado é natural a um sexo e inatural ao outro, e de que o desajustado é desajustado por causa de defeitos glandulares ou de acidentes no desenvolvimento. Tomemos um caso hipotético. As atitudes em face da intimidade física variam muitíssimo entre indivíduos e foram diversamente padronizadas em diferentes sociedades. Encontramos sociedades primitivas, como as dos Dobu e dos Manus, onde o contato físico casual é de tal modo proibido aos dois sexos, tão cercado de regras e categorias, que somente um doido tocará em outra pessoa, leve e casualmente. Outras sociedades, como a dos Arapesh, permitem um bocado de leve intimidade física entre pessoas de ambos os sexos e idades diferentes. Consideremos agora uma sociedade que especificou para um sexo este traço temperamental particular. Aos homens foi designado o comportamento característico do indivíduo que julga intolerável o contato físico casual, às mulheres, à guisa de comportamento "natural", o de pessoas que o aceitam facilmente. Para os homens, a mão no braço ou nos ombros, dormir no mesmo quarto com outro homem, ter que segurar outro homem no colo dentro de um automóvel cheio — todo contato desse gênero seria, por definição, repelente, possivelmente até nojoso ou terrificante, se o condicionamento social fosse assaz forte. Para as mulheres, nesta dada sociedade, entretanto, o contato físico tranqüilo e não-convencional seria, por definição, bem acolhido. Abraçar-se-iam entre si, acariciar-se-iam os cabelos, arrumar-se-iam as roupas, dormiriam na mesma cama confortavelmente e sem embaraços. Tomemos agora um casamento entre um homem bem educado desta sociedade, intolerante em relação a qualquer contato físico casual, e uma mulher bem educada, que o acharia natural quando manifestado entre mulheres, e que jamais o esperaria entre meninos ou homens. A este casal nasce uma filha que, desde o nascimento, apresenta uma atitude de *noli me tangere*², que a mãe nada pode fazer para dissipar. A

(2) Em latim no original: *Não me toques.*

menina escapa do colo da mãe, retorce-se quando esta tenta beijá-la. Volta-se com alívio para o pai, que não a embarça com demonstrações de afeto e nem mesmo insiste em segurar-lhe a mão quando a leva a passear. A partir de uma chave tão simples como esta, uma preferência que na criança é temperamental e, no pai, um comportamento masculino socialmente firmado, a garotinha pode construir uma identificação com o pai e uma teoria segundo a qual ela se parece mais com menino do que com menina. Com o tempo pode realmente tornar-se mais ajustada de várias outras maneiras ao comportamento do sexo oposto. O psiquiatra que a encontra mais tarde na vida envergando roupas masculinizadas, exercendo ocupação masculina e incapaz de encontrar a felicidade no casamento, dirá talvez que a identificação com o sexo oposto foi a causa de seu desajustamento como mulher. Esta explicação, porém, não revela o fato de que tal identificação não teria ocorrido nestes termos se não houvesse uma dicotomia de atitudes sexuais na sociedade. A criança Arapesh, que se assemelha mais a um pai reservado que a uma mãe efusiva, pode ter a sensação de parecer-se mais com o pai do que com a mãe, mas isso não resulta em efeitos posteriores sobre sua personalidade numa sociedade em que não é possível "sentir como homem" ou "sentir como mulher". O acidente de uma diferenciação de atitudes sexuais dinamiza essas probabilidades de identificação no ajustamento da criança.

Esse exemplo é reconhecidamente hipotético e simples. As reais condições numa sociedade moderna são infinitamente mais complexas. Arrolar apenas algumas das espécies de confusões que sucedem seria suficiente para focalizar a atenção sobre o problema. Um dos progenitores da criança pode ser anômalo, constituindo-se assim em falso guia para a criança quando ela tenta encontrar o seu papel. Ambos os pais da criança podem desviar-se da norma de maneiras opostas, a mãe mostrando pronunciados traços temperamentais mais adaptados em geral ao homem e o pai apresentando traços opostos. É bastante provável que esta condição ocorra na sociedade moderna, na qual, já que se acredita que o casamento deve basear-se em personalidades contrastantes, homens desadaptados amiúde escolhem mulheres desadaptadas. Assim, a criança, tateando em busca de chaves, poderá efetuar identificação falsa, ou porque seu próprio temperamento se assemelhe ao determinado para o sexo oposto, ou porque, embora em si mesma apta a um ajustamento fácil, o progenitor do seu próprio sexo seja desajustado.

Discuti primeiro a identificação segundo linhas temperamentais, mas ela também pode processar-se em outros

termos. A identificação original pode ocorrer através da inteligência ou de dotes artísticos específicos, identificando-se a criança bem dotada com o progenitor mais dotado, independentemente do sexo. Então, se existir duplo padrão de personalidade, esta simples identificação com base no interesse ou na habilidade traduzir-se-á em termos de sexo, e a mãe lamentará: "Maria está sempre trabalhando com os instrumentos de desenho de Jorge. Ela não tem interesses normais de menina. Jorge diz que é uma pena que ela não tenha nascido menino". A partir deste comentário, será muito fácil a Maria chegar à mesma conclusão.

Vale a pena mencionar aqui a forma pela qual a situação do menino difere da menina em quase todas as sociedades conhecidas. Quaisquer que sejam as disposições com respeito a descendência ou posse de propriedade, e mesmo que esses arranjos exteriores formais se reflitam nas relações temperamentais entre os dois sexos, os valores de prestígio sempre se ligam às ocupações masculinas, se não inteiramente às custas das ocupações femininas, pelo menos em larga proporção. Por isso, quase sempre sucede que é dada à menina "que deveria ter sido um menino" pelo menos a possibilidade de uma participação parcial nas atividades que estão cercadas pela aura de prestígio masculino. Para o menino "que deveria ter sido menina" não existe tal oportunidade. Sua participação em atividades femininas é quase sempre motivo de dupla reprovação: mostrou-se indigno de ser classificado como homem e desse modo condenou-se a atividades de baixo valor de prestígio.

Além do mais, as atitudes e interesses particulares classificados como femininos em qualquer sociedade raramente receberam qualquer expressão mais rica na arte ou na literatura. A menina que acha os interesses masculinos definidos mais próximos dos seus próprios pode encontrar para si mesma formas de expressão vicária; ao menino que talvez conseguisse saídas análogas se houvesse uma arte e literatura femininas comparáveis, nega-se tal evasão satisfatória. Kenneth Grahame immortalizou a perplexidade de todos os meninos diante dos interesses especiais e limitados das meninas, em seu famoso capítulo "Do que falavam elas".

— Ela saiu de novo com aquelas meninas do Vicariato — disse Edward, olhando as compridas pernas negras de Selina movendo-se rapidamente trilha abaixo. — Agora sai com elas todos os dias; e tão logo saem, juntam as cabeças e falam, falam, falam todo o santo tempo! Não consigo imaginar o que tanto acham para falar...

— Talvez falem de ovos de passarinhos — sugeri sonolentemente... — e de navios, búfalos e ilhas desertas; e por

que os coelhos têm rabos brancos; e se prefeririam ter uma escuna ou um cúter; e o que serão quando forem grandes, pelo menos, quero dizer que existem muitas coisas para conversar, se você *quiser* falar.

— Sim; mas elas não conversam sobre este tipo de coisas — insistiu Edward. — Como *podem*? Não *sabem* nada; não sabem *fazer* nada, a não ser tocar piano e ninguém gostaria de falar sobre *isso*; e não se interessam por nada, nada que tenha sentido, quero dizer. Então, de que *falam* elas?... Mas não consigo compreender estas meninas. Se elas realmente têm algo inteligente para conversar, como é que ninguém sabe o que é? E se não têm — e nós sabemos que não *podem* ter, naturalmente — por que não calam a boca? Este velho coelho aqui, *ele* não quer falar...

— Oh! Mas os coelhos falam! — interpôs Harold. — Já os observei muitas vezes em sua gaiola. Juntam as cabeças, e os narizes sobem e descem, exatamente como Selina e as meninas do Vicariato!...

— Bem, se eles conversam — disse Edward sem querer — aposto que não falam tolices como estas meninas! — O que era malévolo, como também injusto, pois não havia ainda transpirado — não até este dia — de *quê* falavam Selina e suas amigas.³

Tal perplexidade tende a perdurar por toda a vida. A mulher que, por temperamento ou por acidente de educação, identificou-se mais com os interesses dos homens, se não se ajustar aos padrões comuns do sexo, sai perdendo em seu papel essencialmente feminino de procriação. O homem que foi "cassado" dos interesses de seu próprio sexo sofre uma "cassação" mais sutil, pois grande parte do simbolismo artístico de sua sociedade se tornou inacessível e não há substituto para o qual possa voltar-se. Permanece uma pessoa confusa e desorientada, incapaz de sentir-se como os homens se sentem "naturalmente" em sua sociedade, e outrossim incapaz de colher qualquer satisfação nos papéis que foram definidos por mulheres, embora a personalidade social destas se aproxime mais do seu temperamento.

E assim, em milhares de formas, o fato de ser necessário sentir-se não apenas como membro de uma sociedade dada num dado período, mas também como membro de um sexo e não como membro do outro, condiciona o desenvolvimento da criança e produz indivíduos que se acham deslocados em sua sociedade. Muitos estudiosos da personalidade atribuem estes desajustamentos múltiplos e imponderáveis à "homossexualidade latente". Tal juízo, porém,

é gerado por nosso padrão bissexual; é um diagnóstico *post hoc* de um resultado, não diagnóstico de uma causa. É um juízo aplicado não só ao invertido mas também aos indivíduos, infinitamente mais numerosos, que se desviam da definição de comportamento adequado a seu sexo.

Se esses traços contraditórios de temperamento que diversas sociedades consideraram vinculado ao sexo não o estão, sendo meras potencialidades humanas especializadas como comportamento de um sexo, a presença do desajustamento, que não mais deve ser rotulado de homossexual latente, é inevitável em toda a sociedade que insiste nas conexões artificiais entre sexo e bravura, entre sexo e auto-estima positiva, ou entre sexo e uma preferência por relações pessoais. Além disso, a falta de correspondência entre a verdadeira constituição temperamental dos membros de cada sexo e o papel que a cultura lhes atribui tem suas repercussões na vida dos indivíduos que nasceram com o temperamento esperado e adequado. Considera-se frequentemente que numa sociedade que qualifica os homens como agressivos e dominadores, as mulheres como compreensivas e submissas, os indivíduos desajustados serão as mulheres dominantes e agressivas e os homens compreensivos e submissos. A posição desses é, sem dúvida, mais difícil. Os contatos humanos de toda sorte, e sobretudo a corte e o casamento, podem trazer-lhes problemas insolúveis. Mas consideremos também a posição do menino naturalmente dotado de temperamento agressivo e dominador e educado na crença de que é de seu papel masculino dominar mulheres submissas. É treinado a reagir ao comportamento receptivo e submisso em outrem com uma demonstração de agressividade autoconsciente. E então encontra não só mulheres, mas também homens submissos. O estímulo a um comportamento dominador, a uma insistência na indiscutível lealdade e afirmações reiteradas de sua importância, é-lhe apresentado em grupos de um só sexo e cria-se uma situação de "homossexualidade latente". Da mesma forma, ensinou-se a este homem que sua habilidade de dominar é a medida de sua masculinidade, de modo que a obediência de seus companheiros continuamente o tranqüiliza. Quando depara uma mulher tão naturalmente dominadora quanto ele próprio, ou mesmo uma mulher que, apesar de temperamentalmente não-dominadora, é capaz de ultrapassá-lo em alguma perícia ou tipo de trabalho especial, uma dúvida sobre sua própria masculinidade instala-se-lhe na mente. Esta é uma das razões por que os homens que melhor se acomodam ao temperamento aceito para os homens em sua sociedade são mais desconfiados e hostis com as mulheres desajustadas que, apesar de treinamento contrário, mostram os mesmos traços

(3) De *The Golden Age*, de Kenneth Grahame. Copyright 1895, 1922, by Dodd, Mead and Company, Inc.

temperamentais. Sua segurança na convicção de pertencer ao seu próprio grupo de sexo se apóia na não-ocorrência de personalidade semelhante no sexo oposto.

E a mulher submissa e compreensível pode ver-se numa posição igualmente anômala, ainda que sua cultura haja definido seu temperamento como próprio das mulheres. Adestrada desde a infância a submeter-se à autoridade de uma voz dominadora, a curvar todas as suas energias a fim de agradar o egoísmo mais vulnerável das pessoas dominantes, pode muitas vezes deparar a mesma entonação autoritária e uma voz feminina e assim ela, que por temperamento é a mulher ideal em sua sociedade, encontrará outras mulheres tão absorventes que os ajustes matrimoniais nunca entram no quadro. Este envolvimento em devoção a membros do seu próprio sexo poderá, por seu turno, instalar nela dúvidas e questões com respeito à sua feminilidade essencial.

Assim, a existência numa dada sociedade de uma dicotomia de personalidade determinada pelo sexo, limitada pelo sexo, pune em maior ou menor grau todo indivíduo que nasce em seu âmbito. Aqueles indivíduos cujos temperamentos são indubitavelmente anômalos não conseguem ajustar-se aos padrões aceitos, e pela sua própria presença, pela anormalidade de suas respostas, confundem aqueles cujos temperamentos são os esperados para o seu sexo. Dessa forma, é plantado, em praticamente todo espírito, um germe de dúvida, de ansiedade, que interfere com o curso normal da vida.

Mas a estória das confusões não termina aqui. Os Tchambuli e, em menor grau, habitantes de algumas regiões da América moderna patenteiam uma dificuldade a mais do que uma cultura que define personalidade em termos de sexo pode inventar para seus membros. Cumpre recordar que, embora a teoria Tchambuli seja patrilinear, a prática Tchambuli concede a posição dominante às mulheres, de modo que a posição do homem de temperamento anômalo — isto é, dominante — é duplamente dificultada pelas formas culturais. A formulação cultural de que o homem pagou pela esposa e pode, portanto, controlá-la continuamente, induz em erro estes indivíduos aberrantes, levando-os a novas tentativas de assumir tal controle, e os põem em conflito com toda sua educação de infância no sentido de obedecer e respeitar às mulheres, e com a educação de obedecer e respeitar às mulheres, e com a educação de suas esposas no sentido de esperar tal respeito. As instituições Tchambuli e as ênfases de sua sociedade estão, em certa medida, em pendência umas com as outras. A história nativa atribui grande desenvolvimento de temperamentos dominantes a várias tribos vizinhas, cujas mulheres, durante

muitas gerações, fugiram e casaram-se com Tchambuli. Na explicação de suas próprias contradições, ela invoca uma situação que era bastante freqüente entre os Arapesh para confundir os ajustamentos de homens e mulheres lá. Estas inconsistências na cultura Tchambuli foram provavelmente incrementadas por um interesse decrescente pela guerra e caça de cabeças e um interesse crescente pelas delicadas artes da paz. A importância das atividades econômicas das mulheres talvez também tenha crescido sem qualquer intensificação correspondente no papel econômico dos homens. Quaisquer que sejam as causas históricas, e elas são, sem dúvida, múltiplas e complexas, os Tchambuli apresentam hoje uma confusão impressionante entre instituições e ênfases culturais. Encerram também um maior número de homens neuróticos do que encontrei em qualquer outra cultura primitiva. Ter alguém a aberração, a incapacidade temperamental de conformar-se ao papel a ele prescrito de rezeptivo e bailante serviçal de mulheres, aparentemente confirmado pelas instituições, isso é demais, mesmo para membros de uma sociedade primitiva a viver em condições bem mais simples que as nossas.

As culturas modernas que sofrem os espasmos do ajustamento à cambiante posição econômica da mulher apresentam dificuldades comparáveis. Os homens acham que um dos esteios de seu domínio, esteio que muitas vezes chegam a considerar sinônimo do próprio domínio — a capacidade de ser o único amparo da família — foi-lhe retirado. As mulheres educadas na crença de que a posse de uma receita ganha dava o direito de governar, uma doutrina que funcionou suficientemente bem enquanto as mulheres tinham receita, encontram-se cada vez mais confusas entre sua verdadeira posição no lar e aquela para a qual foram treinadas. Os homens que foram educados na crença de que o seu sexo está sempre ligeiramente em foco e que acreditam ser seu poder de ganhar a subsistência uma prova de virilidade, mergulham numa dupla incerteza pelo desemprego; e isso se complica ainda mais pelo fato de suas esposas terem sido capazes de obter colocações.

Todas estas condições ficam agravadas, ademais, na América, devido ao grande número de diferentes padrões de comportamento decretado para cada sexo, que predominam em diferentes grupos regionais e nacionais, e pela suprema importância do padrão de comportamento entre os sexos que as crianças encontram dentro das quatro paredes de seus lares. Cada parcela da nossa cultura complexa e estratificada possui seu próprio conjunto de regras pelas quais é mantido o poder e o equilíbrio complementar entre os sexos. Estas regras, porém, variam, e algumas vezes são até mesmo contraditórias, como entre diferentes grupos

nacionais ou classes econômicas. Portanto, não havendo uma tradição a insistir em que os indivíduos se casem dentro do grupo onde foram criados, casam-se continuamente entre si homens e mulheres cujos quadros de inter-relações entre os sexos diferem completamente. Suas confusões, por sua vez, são transmitidas aos filhos. O resultado é uma sociedade onde dificilmente alguém duvida da existência de um comportamento "natural" diferente para os sexos, porém ninguém está certo de qual seja esse comportamento. Dentro das definições conflitantes sobre o comportamento adequado a cada sexo, quase todo tipo de indivíduo tem campo para duvidar da completude da sua posse de uma natureza realmente masculina ou realmente feminina. Conservamos a ênfase, o senso da importância do ajustamento e, ao mesmo tempo, perdemos a capacidade de impor o ajustamento.

CONCLUSÃO

O conhecimento de que as personalidades dos dois sexos são socialmente produzidas é compatível com todo programa que aspire a uma ordem social planejada. É uma espada de dois gumes que pode ser usada para derubar uma sociedade mais variada, mais flexível que a raça humana jamais produziu, ou apenas para abrir um atalho estreito pelo qual um ou os dois sexos serão obrigados a marchar, arregimentados, sem olhar nem à direita nem à esquerda. Possibilita um programa fascista de educação, onde as mulheres são forçadas a voltar ao modelo que a Europa moderna fatuamente acreditou haver destruído para sempre. Possibilita um programa comunista, no qual os dois sexos são tratados quase tão igualmente quanto o permitem suas diferentes funções fisiológicas. Por ser o

condicionamento social o determinante, foi possível à América, sem um plano consciente, mas nem por isso menos seguro, inverter, em parte, a tradição européia da dominação masculina e preparar uma geração de mulheres que regulam suas vidas pelos padrões de suas professoras e de suas mães agressivas e orientadoras. Seus irmãos andam aos tropeções numa vã tentativa de preservar o mito da dominação masculina numa sociedade onde as moças passaram a considerar este predomínio como seu direito natural. Disse uma menina de quatorze anos comentando o significado do termo *tomboy*: "Sim, é verdade que antigamente significava uma menina que tentava agir como um menino, vestir-se como menino e outras coisas semelhantes. Mas isto foi no tempo da saia-balão. Agora, tudo o que as meninas têm a fazer é agir exatamente como os meninos, calma, calmamente". A tradição neste país tem mudado tão rapidamente que o termo *sissy*, que há dez anos se referia a um menino com traços de personalidade considerados femininos, pode agora ser aplicado com ênfase ferina a uma menina a outra, ou pode ser definido por uma menina pequena como "o tipo de menino que usa sempre luvas de beisebol e anda por aí gritando: 'Mande para cá, mande para cá!', e quando lhe jogam uma bola fácil não consegue pegá-la". Esses comentários penetrantes são indícios de uma tendência que falta na planificação concertada por detrás dos programas fascista e comunista, mas que, apesar de tudo, adquiriu aceleração nas últimas três décadas. Planos que arregimentam as mulheres como criadoras de lares, ou que deixam de diferenciar a educação dos dois sexos, têm pelo menos a virtude de serem claros e indubitáveis. O atual desenvolvimento deste país apresenta toda a insidiosa ambigüidade da situação que encontramos ilustrada entre os caçadores de cabeça Tchambuli, onde o homem ainda é definido como o chefe da casa, embora a mulher seja treinada para tomar essa posição com maior celeridade e segurança. O resultado é um número crescente de homens americanos que se sentem no dever de gritar a fim de manter suas posições vulneráveis, e um número crescente de mulheres americanas que se apegam infelizmente a uma dominação que sua sociedade lhes concedeu, sem porém lhes dar uma carta de leis e regras segundo as quais elas possam realizá-la sem danos para si, seus esposos e filhos.

Existem pelo menos três caminhos abertos a uma sociedade que compreendeu a medida até onde a personalidade masculina e feminina são socialmente produzidas. Dois desses caminhos já foram tentados antes, repetidamente, em diversos momentos da longa, irregular e repetitiva história da raça humana. O primeiro é padronizar

a personalidade de homens e mulheres como claramente contrastantes, complementares e opostas e tornar cada instituição da sociedade congruente com essa padronização. Se a sociedade declarasse como única função da mulher a maternidade, a educação e o cuidado dos filhos menores, poderia arranjar as coisas de tal modo que toda mulher que não fosse fisiologicamente impedida se tornasse mãe e fosse sustentada no exercício dessa função. Poderia abolir a discrepância entre a doutrina de que o lugar das mulheres é no lar e o número de lares que lhes foram oferecidos. Poderia abolir a discrepância entre o educar as mulheres para o casamento e depois forçá-las a ficar solteironas para arrimar os pais.

Tal sistema seria um desperdício dos dotes de muitas mulheres que poderiam exercer bem melhor outras funções do que a habilidade de ter filhos num mundo já superpovoado. Seria um desperdício do talento de muitos homens que poderiam exercer seus dotes especiais de personalidade bem melhor em casa do que no mercado. Seria um desperdício, porém seria claro. Seria uma tentativa de garantir a cada indivíduo o papel em que a sociedade insistiu em treiná-lo, a ele ou a ela, e tal sistema castigaria apenas aqueles indivíduos que, apesar de toda a educação, não apresentassem as personalidades aprovadas. Há milhões de pessoas que, de bom grado, se voltariam para esse método padronizado de tratar as relações entre os dois sexos, e devemos ter em mente a possibilidade de que as maiores oportunidades abertas às mulheres do século vinte lhes podem ser inteiramente retiradas, e que poderemos voltar a uma estrita arregimentação das mulheres.

O desperdício, se ocorrer, não será apenas de muitas mulheres, mas igualmente de muitos homens, pois a arregimentação de um sexo traz consigo, em maior ou menor grau, também a arregimentação do outro. Toda ordem parental que define como feminina uma forma de sentar, uma resposta a uma censura ou ameaça, um jogo, ou uma tentativa de desenhar, cantar, dançar ou pintar, está moldando não só a personalidade do irmão de cada menina, como também a da irmã. Não pode haver sociedade que insista em que a mulher siga um padrão especial de personalidade, definido como feminino, que não viole também a individualidade de muitos homens.

Alternativamente, a sociedade pode enveredar pelo caminho que se tornou particularmente associado aos planos dos grupos mais radicais: admitir que homens e mulheres podem moldar-se a um padrão particular tão facilmente como a um outro e cessar de fazer qualquer distinção na personalidade aprovada de ambos os sexos.

As meninas podem ser educadas exatamente como o são os meninos, aprendendo as mesmas regras, as mesmas formas de expressão, as mesmas ocupações. Esse caminho pode parecer a lógica resultante da convicção de que as potencialidades rotuladas por diferentes sociedades tanto masculinas como femininas são, na realidade, potencialidades de alguns membros de cada sexo, e de maneira nenhuma ligadas ao sexo. Se isso for aceito, não será razoável abandonar o tipo de padronizações artificiais de diferenças sexuais, que por tanto tempo caracterizaram a sociedade européia, e admitir que são fantasias sociais para as quais não temos mais qualquer utilidade? No mundo atual, os anticoncepcionais permitem às mulheres não engravidar contra a vontade. A mais conspicua diferença real entre os sexos, a diferença de força, faz-se progressivamente menos significativa. Da mesma forma como a diferença de altura entre os homens perdeu sua importância real, agora que as ações judiciais substituíram os combates corpo a corpo, também a diferença de força entre homens e mulheres não vale mais uma elaboração em instituições culturais.

Entretanto, ao avaliar um programa como esse, é necessário ter em mente a natureza dos proveitos que a sociedade alcançou em suas formas mais complexas. Um sacrifício de distinções em personalidade de sexo pode significar um sacrifício em complexidade. Os Arapesh reconhecem um mínimo de distinção de personalidade entre velhos e jovens, entre homens e mulheres e carecem das categorias de hierarquia ou *status*. Vimos que tal sociedade, na melhor das hipóteses, condena à frustração pessoal e, na pior, ao desajustamento, todos aqueles homens e mulheres que não se conformam a suas ênfases simples. O indivíduo violento entre os Arapesh não encontra na literatura, na arte, no cerimonial ou na história de seu povo, qualquer expressão dos impulsos internos que estão abalando sua paz de espírito. Tampouco é apenas o derrotado, o indivíduo cujo próprio tipo de personalidade não é reconhecido em parte alguma de sua sociedade. A pessoa altamente inteligente e imaginativa, que afina essencialmente com os valores de sua sociedade, pode também sofrer pela falta de alcance e profundidade características de uma simplicidade demasiado grande. A mente ativa e a intensidade de um menino Arapesh, que conheci bem, não se satisfaziam com as soluções liberais, com a falta de drama em sua cultura. Procurando material com que exercitar sua imaginação, seu anseio por uma vida onde fossem possíveis emoções mais fortes, nada conseguia encontrar que lhe alimentasse a imaginação, a não ser contos sobre asapai-

xonadas explosões dos desajustados, explosões caracterizadas por uma violenta hostilidade a outros, de que ele próprio carecia.

Tampouco é apenas o indivíduo quem sofre. A sociedade perde igualmente e vimos essa atenuação nas representações dramáticas dos Mundugumor. Ao exprimir a exclusão das mulheres como medida protetora congenial a ambos os sexos, os Arapesh mantiveram seu culto do *tamberan*, com a necessária assistência das mulheres. Os Mundugumor, porém, desenvolveram um tipo de personalidade para homens e mulheres, a quem a exclusão de qualquer parte da vida foi interpretada como um insulto mortal. E à medida que as mulheres Mundugumor exigiram mais e mais e receberam o direito de iniciação, não é de surpreender que a vida cerimonial Mundugumor haja definhado, que os atores tenham perdido sua audiência e um elemento artístico vigoroso da comunidade Mundugumor esteja desaparecendo. O sacrifício das diferenças de sexo significou uma perda na complexidade para a sociedade.

O mesmo acontece em nossa própria sociedade. Insistir em que não há diferenças de sexo numa sociedade que sempre acreditou nelas e dependeu delas, talvez seja uma forma tão sutil de padronização de personalidade como insistir em que existem muitas diferenças de sexo. É o que sucede particularmente numa tradição em mudança, quando um grupo em controle tenta desenvolver uma nova personalidade social, como é o caso atual de muitos países europeus. Tomemos, por exemplo, a suposição corrente de que as mulheres se opõem mais à guerra do que os homens, de que qualquer aprovação declarada quanto à guerra é mais horrível, mais revoltante nas mulheres do que nos homens. Por trás dessa suposição, as mulheres podem trabalhar pela paz sem enfrentar a crítica social em comunidades que criticariam imediatamente seus irmãos ou esposos se estes tomassem, como elas, parte ativa em propagandas de paz. Essa crença de que as mulheres estão, por natureza, mais interessadas na paz é, sem dúvida, artificial, parte da mitologia toda que considera as mulheres mais delicadas que os homens. Mas, em contraste, consideremos a possibilidade de uma minoria poderosa que quisesse predispor uma sociedade à aceitação da guerra. Uma forma de fazê-lo seria insistir em que os motivos e os interesses das mulheres são iguais aos dos homens, em que as mulheres devem sentir um prazer sanguíinário tão grande em preparar a guerra quanto cada homem. A insistência no ponto de vista oposto, de que a mulher-mãe predomina sobre a mulher-cidadã, coloca, pelo menos, um leve obstáculo à agitação da guerra, evita que um entusiasmo coletivo pela guerra seja lançado sobre

toda a geração mais jovem. Segue-se o mesmo tipo de resultado se o clero estiver profissionalmente comprometido com uma crença na paz. A belicosidade relativa de diferentes sacerdotes individuais pode ser ou ofendida ou contentada pelo papel pacífico prescrito, porém um certo protesto, um certo tom discordante, soará na sociedade. A perigosa padronização de atitudes que desautoriza todo tipo de desvio será bastante reforçada se nem idade, sexo ou crença religiosa forem considerados como algo que predisponha automaticamente certos indivíduos a assumir atitudes minoritárias. A remoção de todas as barreiras econômicas e legais contra a participação das mulheres no mundo em pé de igualdade com os homens poderá constituir, em si mesma, um movimento de padronização no sentido da eliminação em massa da diversidade de atitudes, que é um produto de civilização adquirido a um preço muito alto.

Uma sociedade assim padronizada, na qual homens, mulheres, crianças, sacerdotes e soldados foram todos treinados para um conjunto de valores coerente e não-diferenciado, deve necessariamente criar a espécie do desadaptado que encontramos entre os Arapesh e os Mundugumor, o indivíduo que, independentemente de sexo ou ocupação, se rebela porque é temperamentalmente incapaz de aceitar a ênfase unilateral de sua cultura. Os indivíduos que fossem especificamente desajustados nos termos do seu papel psico-sexual desapateariam, é verdade, porém, desapareceria com eles o conhecimento de que existe mais de um conjunto de valores possíveis.

Na medida em que a abolição das diferenças nas personalidades aprovadas de homens e mulheres significa a abolição de qualquer expressão do tipo de personalidade alguma vez considerado exclusivamente feminino, ou exclusivamente masculino, tal caminho implica perda social. Assim como uma ocasião festiva é tanto mais alegre e encantadora se os dois sexos estiverem vestidos diversamente, o mesmo acontece nos assuntos menos materiais. Se a indumentária é em si um símbolo, e o xale de uma mulher corresponde a uma reconhecida suavidade em seu caráter, toda a trama de relações pessoais torna-se mais elaborada e, de muitos modos, mais compensadora. O poeta de tal sociedade cantará virtudes, ainda que femininas, as quais talvez nunca venham a exercer qualquer papel numa Utopia social que não admitiu diferenças entre as personalidades de homens e mulheres.

Na proporção em que uma sociedade insiste sobre os diferentes tipos de personalidade de modo que um grupo de idade, de classe ou de sexo possa seguir objetivos negados ou desprezados em outra, cada indivíduo participante

dessa sociedade é tanto mais rico. A arbitrária atribuição de roupas, maneiras e respostas sociais determinadas a indivíduos nascidos em certa classe, de um certo sexo, ou de uma certa cor, aos nascidos num certo dia da semana, ou aos nascidos com uma certa compleição, viola os dotes pessoais do indivíduo, porém permite a construção de uma cultura rica. O mais extremo desenvolvimento de uma sociedade que atingiu grande complexidade às custas do indivíduo é a Índia histórica, baseada, como era, na associação intransigente de mil atributos de comportamento, atitude e ocupação com um acidente de nascimento. A cada indivíduo foi dada a segurança, embora pudesse ser a segurança do desespero, de um papel determinado, e a recompensa de ter nascido numa sociedade altamente complexa.

Além disso, quando consideramos a posição do indivíduo desajustado nas culturas históricas, aqueles que nasceram dentro de uma sociedade complexa, na classe ou no sexo errados para que suas personalidades logrem plena ascendência, acham-se em melhor posição do que os nascidos numa sociedade simples que não utiliza de forma alguma seus dotes especiais de temperamento. A mulher violenta numa sociedade que permite violência apenas aos homens, o membro fortemente emocional de uma aristocracia numa cultura que permite franca expressão emocional apenas no campesinato, o indivíduo com inclinações rituais que é criado como protestante num país que também possui instituições católicas — cada um desses pode encontrar expressas em algum outro grupo da sociedade as emoções que ele ou ela está proibido de manifestar. Recebe um certo gênero de apoio pela simples existência desses valores, valores tão compatíveis com ele e tão inaccessíveis a ele devido a um acidente de nascimento. Para os que se contentam com um papel de espectador substituto, ou com materiais para regalar a imaginação criadora, isso talvez possa ser quase suficiente. Contentar-se-ão possivelmente em sentir da calçada, durante um desfile, do auditório de um teatro, ou da nave de uma igreja, aquela emoção cuja expressão direta lhes é negada. As cruas compensações oferecidas pelo cinema àqueles cujas vidas estão emocionalmente famintas são oferecidas em formas mais sutis pela arte e pela literatura de uma sociedade complexa ao indivíduo deslocado no seu sexo, classe ou grupo ocupacional.

Adaptações de sexo, entretanto, não são coisa de passivo espectador, mas uma situação em que os indivíduos mais passivos devem desempenhar algum papel, se ele ou ela quiser participar completamente da vida. E embora possamos reconhecer as virtudes da complexidade, os

enredos interessantes e encantadores que as culturas são capazes de desenvolver com base nos acidentes de nascimento, cabe também perguntar: Não será o preço demasiado alto? A beleza que existe no contraste e na complexidade não seria obtível de alguma outra forma? Se a insistência social sobre personalidades diferentes para os dois sexos resulta em tanta confusão, em tantos desadaptados infelizes, em tanta desorientação, é possível imaginar uma sociedade que abandone essas distinções sem abandonar os valores que agora dependem deles?

Suponhamos que, em vez da classificação assentada sobre as bases "naturais" de sexo e raça, a sociedade classificasse a personalidade com base na cor dos olhos, decretando que todas as pessoas de olhos azuis seriam dóceis, submissas e receptivas às necessidades dos outros, enquanto todas as pessoas de olhos castanhos seriam arrogantes, dominadoras, egocêntricas e decididas. Nesse caso, dois temas sociais complementares seriam entrelaçados — a cultura, em sua arte, sua religião, suas relações pessoais formais, teria dois fios em vez de um. Haveria homens e mulheres de olhos azuis, o que redundaria na existência de homens ternos e "maternais" tanto quanto as mulheres. Um homem de olhos azuis poderia casar-se com uma mulher educada para a mesma personalidade que a dele, ou com uma mulher de olhos castanhos, educada para uma personalidade contrastante. Uma das fortes tendências que leva ao homossexualismo, a tendência a amar o semelhante mais do que a pessoa anti-tética, seria eliminada. A hostilidade entre os dois sexos, como grupos, reduzir-se-ia ao mínimo, posto que os interesses individuais dos membros de cada sexo poderiam entrelaçar-se de maneira diferentes, e casamentos de semelhança e amizades de contraste não acarretariam necessariamente *handicap* de possíveis desajustamentos psico-sexuais. O indivíduo sofreria todavia mutilação em suas preferências temperamentais, pois seria o fato isolado da cor dos olhos que iria determinar as atitudes que sua educação levaria a assumir. Toda criatura de olhos azuis ver-se-ia forçada à submissão e seria tida por desajustada se ele ou ela denotasse quaisquer dos traços que, segundo fora decidido, se apropriavam somente aos de olhos castanhos. A maior perda social, entretanto, na classificação da personalidade com base no sexo, não estaria presente nessa sociedade que fundamentou sua classificação na cor dos olhos. As relações humanas, e sobretudo aquelas que envolvem o sexo, não seriam artificialmente destorcidas.

Todavia, tal orientação, a substituição do sexo pela cor dos olhos como base para educar as crianças em

grupos que apresentassem personalidades contrastantes, conquanto fosse um avanço definitivo em relação à classificação por sexo, não deixaria de constituir uma paródia de todas as tentativas que a sociedade fez, através da história, para definir o papel do indivíduo em termos de sexo, ou cor, ou data de nascimento, ou forma da cabeça.

Entretanto, a única solução do problema não está em escolher entre a padronização da diferença de sexo com o resultante custo em felicidade e ajustamento individuais, e a abolição dessas diferenças com a conseqüente perda de valores sociais. Uma civilização poderia evitar de guiar-se por categorias como idade ou sexo, raça ou posição hereditária numa linha familiar, e, em vez de especializar a personalidade ao longo de linhas tão simples, reconhecer, treinar e dar lugar a muitos talentos temperamentais diferentes. Poderia construir sobre as diferentes potencialidades que ela tenta agora artificialmente extirpar em algumas crianças e criar em outras.

Historicamente, a redução da rigidez na classificação dos sexos surgiu em épocas diferentes, seja pela criação de uma nova categoria artificial, seja pelo reconhecimento das diferenças individuais reais. Algumas vezes, a idéia de posição social transcendeu as categorias de sexo. Numa sociedade que reconhece gradações de riqueza ou hierarquia foi permitida às mulheres de categoria ou de riqueza uma arrogância negada a ambos os sexos entre humildes e pobres. Semelhante alteração constituiu, é verdade, um passo adiante na emancipação das mulheres, nunca, porém, um passo adiante na maior liberdade do indivíduo. Algumas poucas mulheres compartilharam a personalidade da classe alta, mas, para contrabalançar esse fato, muitos homens e mulheres viram-se condenados a uma personalidade caracterizada pela subserviência e pelo medo. Alterações como essas significam apenas a substituição de um padrão arbitrário por outro. Uma sociedade é igualmente irrealista se insiste em que somente os homens podem ser corajosos, ou que somente os indivíduos de posição podem ser corajosos.

Romper uma linha de divisão, a que existe entre os sexos, e substituí-la por outra, a que existe entre as classes, não representa um avanço real. Apenas desloca a irrelevância para um ponto diferente. E, nesse ínterim, indivíduos nascidos nas classes altas são inexoravelmente moldados a um tipo de personalidade, a uma arrogância que é incompatível com, pelo menos, alguns deles, enquanto o arrogante entre os pobres se exalta e se enfurece sob o treinamento para a submissão. Numa extremidade da escala está o jovem dócil e não-agressivo, filho de pais ricos, que é forçado a comandar, e, na outra, a

criança empreendedora e agressiva dos cortiços, que é condenada a um lugar nas fileiras. Se nosso objetivo é dar maior expressão a cada temperamento individual, mais do que algum interesse partidário num sexo e no seu destino, devemos, apesar de tudo, encarar esses desenvolvimentos históricos que auxiliaram na libertação de algumas mulheres como um gênero de desenvolvimento que implicou também perdas sociais maiores.

A segunda via pela qual categorias de diferenças do sexo se tornaram menos rígidas é através do reconhecimento dos genuínos dotes individuais quando ocorrem nos dois sexos. Aqui uma distinção real foi substituída por outra artificial e os benefícios são enormes para a sociedade e para o indivíduo. Onde o escrever é aceito como profissão que ambos os sexos podem seguir com perfeita conveniência, os indivíduos dotados de habilidade para escrever não precisam ser privados disso por causa do sexo, nem necessitam, se escreveram, duvidar de sua masculinidade ou feminilidade essencial. Uma ocupação que não se baseia em dons determinados pelo sexo pode agora alistar em suas fileiras o dobro de artistas potenciais. E aqui podemos fechar um plano fundamental para a construção de uma sociedade que substituiria por diferenças reais as diferenças arbitrárias. Precisamos reconhecer que, sob as classificações superficiais de sexo e raça, existem as mesmas potencialidades, reaparecendo geração após geração, apenas para perecer, porque a sociedade não tem lugar para elas. Assim como a sociedade permite agora a prática de uma arte aos membros dos dois sexos, do mesmo modo poderá também permitir o desenvolvimento de muitos dotes temperamentais contrastantes em cada sexo. Poderá abandonar suas diversas tentativas de fazer com que os meninos lutem e as meninas permaneçam passivas, ou de fazer com que todas as crianças lutem, e, ao invés, plasmar nossas instituições educacionais de modo a desenvolver plenamente o menino que mostra uma capacidade de comportamento maternal e a menina que apresenta uma capacidade oposta que é estimulada pela luta contra obstáculos. Nenhuma habilidade, nenhuma aptidão especial, nenhuma vivacidade de imaginação ou precisão de pensamento passaria ignorada por ser a criança que as possuísse de um sexo e não de outro. Nenhuma criança poderia ser implacavelmente amoldada a um padrão de comportamento, mas, em vez disso, existiriam muitos padrões, num mundo que aprendeu a autorizar a cada indivíduo o padrão mais compatível com seus dotes.

Uma tal civilização não sacrificaria os proveitos de milhares de anos durante os quais a sociedade edificou

padrões de diversidade. Os ganhos sociais seriam conservados e cada criança seria encorajada com base em seu real temperamento. Onde temos agora padrões de comportamento para mulheres e padrões de comportamento para homens, teríamos então padrões de comportamento que expressariam os interesses dos indivíduos com muitos tipos de talentos. Haveria códigos éticos e simbolismos sociais, uma arte e um estilo de vida, congeniais cada dote.

Historicamente, nossa própria cultura apoiou-se, para a criação de valores ricos e contrastantes, em muitas distinções artificiais das quais a mais impressionante é o sexo. Não será pela mera abolição dessas distinções que a sociedade desenvolverá padrões em que os dons individuais não de receber o seu lugar, em vez de serem forçados a um molde mal-ajustado. Se quisermos alcançar uma cultura mais rica em valores contrastantes, devemos reconhecer toda a gama das potencialidades humanas e tecer assim uma estrutura social menos arbitrária, na qual cada dote humano diferente encontrará um lugar adequado.

INDICE E GLOSSARIO

A

- Abelam, 38
Abullu (cerimônia da colheita de inhame), 100
Abundância (*veja* Economia)
Abuting (um inhame comprado, máscaras usadas na iniciação), 114
Acessos de raiva, 72-74, 150
Aden, 101
Adoção, 43, 191, 193, 224
Adolescência, 133; filhos dos Mundugumor, 174, 210; inibições, 152
Adulterio, 136, 138, 139
Afogamento, 171, 196, 259
Agehu (praça central da aldeia), 34, 35, 74, 83, 87, 108, 109, 126, 131
Agilapwe, 160, 161, 162
Ahalesemihi, 139
Aibom, Lago, 230, 231
Aitape, 100
Aiyai (mãe), 244
Akerman, 252, 253
Akikiyu, 20
Aldeia (*veja* Comunidade)
Alimento, 32, 174, 184, 237, 242, 243; "época de fome", 45; escassez, 44, 235; excedente, 52, 100, 235

Alimento ofertado, caça, 32, 44, 46, 51, 83, 84, 91, 147, 148, 184, 185; cerimonial, 108; cozinha depois do nascimento, 59, 83, 84; grupo à parte, 93, 94; hábitos de comer, 91, 109, 125, 174, 175, 180, 234, 235; horticultura, 32, 44, 45, 52, 79, 184, 235; importância do, 40; pesca, 175, 233, 246; quem, 34, 137, 233, 235, 249; tabus, 90, 182 (veja Gravidez e Nascimento); troca, 52, 234

Alipinagle, 43
Alis, 115, 116, 117
Alitua, 33, 87, 109, 116, 123, 129, 152, 153, 155, 158, 160, 161, 197, 198

Aliwhiwas (planta usada em magia), folhas, 109

Alojamento, Arapesh, 32, 33; água, 42; cabanas, 34, 44; casas de homens (veja Homem); cestas de dormir (veja); complexos, 174, 175, 178-79, 185, 186; construção, 46, 70, 179, 180, 233; cortinas, 232; de mulheres, 233; fogueiras, 33, 34, 50, 232, 245; homens menos importantes, 186; quem dorme onde, 34, 45, 57, 59, 60, 124, 212, 234

Amantes, 210-14
Ambunti, 230
América, 148, 198, 199, 279, 290, 291
Amitoa, 153-56, 158, 159, 161, 162, 279, 280
Amus, 155
Ancestrais, 35, 42, 43, 180, 240
Andoar, 170, 173, 174
Anéis de *Conus*, 246
Anômalo (veja Inadaptado)
Anyuai, 104, 105

Arapesh, atitudes, 39, 40, 44, 50, 51, 76, 122, 141, 142, 145, 146, 147, 162; estrutura, 139; litoral, 32, 35, 36, 37, 39, 64, 86, 88, 99, 109; organização, 41, 44, 45, 47, 98, 255, 256; Planícies (veja Planícies, homens das); território, 31, 34, 39; tratamento dos, 26, 31

Arte, Agilapwe, 161; mulheres, 88; Mundugumor, 173, 208; pintura, 70, 88, 221; povo dotado, 148; Tchambuli, 229, 230, 232, 236, 237, 239, 240, 241, 274

Ashup (um emético), 117

Auto-erotismo (veja Onanismo), 260

Ave totêmica, 178, 225

Autoridade, 41

Avô, como se usa, 99

B

Bajmal, 87, 131, 155, 156, 158, 162

Balidu, 78, 155

Banaro, 166

Banyimebis, 134

Barad (um canal de água, termo *pidgin*) definido, 172, 175, 184, 194

Bastardo, 236

Bateson, Gregory, 16, 166, 167

Ba Thonga, 24

Benedict, Ruth, 17, 24, 271

Berdache (um homem travesti), 25, 281

Rischu, 61, 133

Biwat, 233

Boneca, 89

Briga, Agilapwe, 160, 161; Amitoa, 155; caráter da, 132; comunidades, 144, 145; esposas, 130; feiticeiros, 38, 143; filhos, 71, 73; irmãos, 136, 139; mãe, 144; mulheres, 249, 253; Mundugumor, 184, 185, 206-08; por mulheres, 94, 144, 185; rixas, 49; Tchambuli em casas de homens, 240, 253

Briggs, Dr., 16

Brincadeira, 119, 211

Buanyin (parceiro hereditário de comércio), relação, 51, 53, 74, 127, 152

Budagiel, 87, 105

Bugabahine, 160

C

Caça de cabeças, 34, 47, 169, 170, 172, 186, 225, 236, 237, 261

Canções (veja Música), 35, 36, 50, 241

Canibalismo, 169, 170, 171, 186, 207, 225, 236

Carregar, 33, 77

Casamento (veja Noivado, Poligamia, Viúvas); americano, 291; ausência de cerimônia, 110; características desejáveis, 99, 102; consumação, 111, 215; corda, 183; domínio no, 217, 250; escolha da noiva, 98, 99, 210, 211, 249; grupo, 106; himen, 106; idade, 106; insultos, 201; irregularidades, 105, 116, 122-31, 132, 133, 135, 136; causa das, 131, 137; liberdade no, 23, 250; monogamia, 119, 120; morte, 122, 132; mulher escolhe, 206, 249, 250; padrão Arapesh, 46, 47, 48, 99, 100, 106; pagamento, 110, 134, 161, 179, 245; parentesco, 202; primos, 136, 249, 250; quem não casa, 102, 103; relação sexual, 43, 44, 56, 60, 104, 105, 114, 118, 146, 190, 212, 213, 224, 225, 250; ritual, 114; significado do, 99, 100, 113, 114, 122, 132, 139; Tchambuli, 241, 244, 245, 249, 250, 251, 256; troca, 42, 98, 99, 158, 179, 214

Cerimônias (veja Festas, Iniciação, Máscaras), chefia, 50; esposa, 59; local, 35; Mundugumor, 175, 176, 186, 207; nascimento, 58, 59; significação, 110; Tchambuli, 232, 234, 236, 240, 241, 243, 244, 247, 248

Cestas de dormir, 180, 212 (veja Mosquiteiros)

Citações do povo relativas a, 259; advertência ao filho, 146; aforismo, 100; Agilapwe, 160, 161; agradecimentos, 234; Alipinagle, 43; Amitoa, 154; anciãos dizem, 169, 170; aptidão natural, 51; aviso ao amante, 212; avô, 68; Baimal e *Tamberan*, 87; batão de brinquedo, 79; boneca, 89; casais casados, 213; consolo, 253; côrte, 251; crescimento, 94, 98; crianças adotadas, 193; encantamento, 58; esposa, 98, 144, 253; fantasma, 43; feitiçaria, 74, 75, 102; ferimento, 76; festas, 33; filha, 101; filhos, 67, 73, 242; homens maus, 160; homens traiçoeiros, 245; irmã, 100; irmão da mãe, 144; luta, história da, 48; mãe ao filho, 59, 67; Manum, história de, 188, 189; marido, 97; Me'elue e Sauwedjo, 125, 126, 127; menina comprometida, 104; menino em viagem, 68; morte de prisioneiros, 207; órfãos, 252; pai e filho, 61, 62; parentesco, 202; propriedade, 78; relações sexuais, 118; segredos, 253; *Tamberan*, 85, 87; Temos, 151

Clã, 42, 44, 51, 78, 91, 98, 105, 110, 119, 122, 133, 136, 158, 241, 244, 247; definido, 177

Comércio (veja Economia)

Competição, Arapesh, 42, 51, 52, 53; Mundugumor, 185, 203, 206; Tchambuli, 240, 242, 253

Comportamento (veja Etiqueta)

Comunicação (veja Sepik), caminhada, 37, 38, 99; caminho, 36, 92, 175; mensagens, 32, 34; Tchambuli, 231, 232, 233

Comunidade, Alitua, 33, 34; "aldeias-mãe", 36; disputas, 48, 49; Mundugumor, 171, 174, 177, 178, 181; nomes, 42, 177; relações cerimo-

niais, 156; Tchambuli, 232; unidades políticas, 47, 177
Comunista, 293, 294
Conflito, 65, 83, 99, 179, 203, 204, 256
Cooperação, Arapesh, 41, 42, 44, 45, 46, 47, 52, 53, 68, 131, 142; mulheres, 233; Mundugumor, 182, 184, 220
Controle do corpo, 70; familiaridade com, 69
Controle esfinteriano (*veja* Criação da criança)
Controle social (*veja* Roubo, *veja* Inadaptados), como são tomadas as decisões, 47; criminoso, 235, 236; grande homem, 47; homem violento entre os Mundugumor, 225; julgamento de Me'elue, 127; nenhum para os inadaptados, 162; opinião pública, 127, 130; ostracismo, 47; punição, 49, 50; repreensão do ancião, 124; sanções, 47, 49, 83, 98, 130; símbolos de brecha, 73; uso da obscenidade, 127; vingança, 48; vulnerável, 127-128
Conversa escatológica, 203
Corda (estrutura da descendência Mundugumor), 178-80, 182, 200, 201, 208
Côrte, 212, 249, 250
Crescimento, 39, 40, 56, 60, 81, 91, 92, 93, 94, 97, 110, 120, 149, 215
Criação da criança, alimento, 61, 67, 242, 243; alimentos proibidos, 197; amamentação, 60, 64, 65, 66, 121, 192-96, 224, 242; banho, 56, 57, 64; carregar, 59, 64, 194-95, 212; controle esfinteriano, 65; desmame (*veja* Crescimento), 61, 196, 242; dormir, 57, 64, 77, 194, 196, 242; moleira, 114; pagem, 65; parto, 56, 154, 261, 262
Criança, da viúva, 119; de Wabe, 136; entre Arapesh, 141; homem preferido, 57; mulher preferida, 173; Mun-

dugumor, 189; nomes, 241; pagamento por, 110
Cultos (*veja* Religião)
Cultura, Arapesh, 150; base da, 20; complexidade, 296; condicionamento para (*veja* Educação); elaboração da, 21, 22; estudo da primitiva, 166; integração, 184, 277; padrão, 41, 131, 132, 139; reciprocidade na, 157; Samoa, 147; sexual, 290, 291 (*veja* Sexo); significado da, 20, 270; símbolo da, 73; Tchambuli, 230, 291; temperamento e, 148, 151, 152, 270, 272

D

Daguar, 99
Dança, Amitoa, 156; bebês na, 77; complexo, 35, 36, 37, 53; Mundugumor, cobra, 172, 173; Tchambuli, 239, 240, 241, 247, 248, 256, 258, 259, 281
Débeis mentais, 109
Defeituoso, 42, 122, 133, 261
Desajustamento, debilidade mental (*veja* Nahomen); conflitos, 155, 260; devaneador, 221, 222; doente, 261, 278 (*veja* Agilapwe); Mundugumor, 220, 222, 224, 225, 261, 262; neuroses, 78, 261, 278; paranóia (*veja* Wabe); personalidades (*veja* Amitoa, Kaviwon, Komeákua, Kwenda, Nyelaha, Ombomb, Omblean, Taukumbank, Tchuikumban, Tchengokwale, Temos, Yabinigi, Yauwiyu, Wabe, Wupale); relação com a primeira educação, 156; sexo (*veja* Amitoa, Wabe); sintomas, 136, 137, 161, 261, 263; temperamentos, 279, 280
Desgraças, 39, 43, 143, 240
Desmame (*veja* Criação da criança), segundo, 72, 132
Dicotomia, 144, 280, 282, 284, 286, 290

Disputas, 48, 49
Dobu, 285
Doença (*veja* Feitiçaria), 39, 42, 84, 195, 240
Dote, 214
Dunigi, 76

E

Economia, computação de custos, 52; amigos de troca, 37, 92, 94, 154, 172, 236; comércio, 32, 36, 37, 38, 172, 173, 179, 234, 236, 246; débito, 37; herança, 43, 44, 90, 178, 240; manufatura, 37, 38, 70, 172, 173, 236, 237, 245, 246; moeda, 36, 234 (*veja* Talibun); propriedade, 37, 43, 44, 45, 78, 79, 94, 171, 178, 232, 233, 236, 240, 247; riqueza, 179, 184; transporte, 37
Educação, condicionamento, 268, 269, 271, 283, 284, 285, 286, 288, 294, 296; disciplina, 73; divisão do mundo pelas crianças, 74; educação entre os Arapesh, 53, 64, 67, 68, 69, 148-50; educação entre os Mundugumor, 205; educação entre os Tchambuli, 245, 246, 257, 258; esperados conformarem-se, 146; falta de técnica, 70; influência dos inadaptados, 162; integração, 268; meninas, 77, 138; meninos, 51, 52, 78, 89, 90, 138, 206, 207, 209, 210; padrão dos Arapesh, 71, 81, 82, 141, 142; padronização por temperamento, 295, 301; proibições, 198, 203; propriedade, 78, 79; punição, 49; resultados da, 283; tradição, 108.
Egoísmo, 142, 146, 149, 151, 197
Emoções, afeição, 68-70, 113, 114, 146, 195; aflição, 140; amor, 98, 115, 138, 139, 254; como se expressam, 150, 156; controle das, 71, 139; entusiasmo, 71; insulto, 50, 51; irrealis, 259; medo, 39, 68, 76, 175; ódio, 143, 156; paixão, 115, 211; raiva, 71-76, 145, 195; riso, 34, 59, 176; segurança (*veja* Criança); símbolo, 260; tempera, 50, 72, 102, 137, 150; vergonha, 50, 68, 198
Encantamentos, 58, 79, 254
Escândalo, 128
Escarificação, 49, 107, 182, 183, 243, 244, 253
Espírito da vida, fontes de, 57, 117
Espíritos (*veja* Religião)
Eposa (*veja* Meninas, Noivado, Poligamia), co-espósa, 121, 133, 137; como viúva, 216; crescimento, 97; de outros homens, 115; disciplinada, 73; espíritos, 42; fuga, 160, 161; horticultura, 44, 45; irmã para trocar, 191; maldade dos homens, 160; maltratada, 135; Mundugumor, 178, 179, 190; "pequenas esposas", 92; procura, 95, 103; protetor, 134; rejeitada, 130, 131; surra, 138, 151, 153, 178, 206, 254; velha, 94; verdadeira, 120, 127
Etiqueta, 52, 75, 87, 88, 94, 100; gracejo, 198, 199, 200, 202, 203, 205, 213, 221, 240, 241, 242, 244, 272, 282, 283, 285, 291
Excreções, 38, 62, 69
Experiência traumática, 72, 73

F

Fascista, 293, 294
Família (*veja* Linha patrilinear, Irmãos, para irmão ou irmã), afastamento do pai, 94; avô, 67; escolha da esposa, 98, 99; filha, 134, 178; gratidão do filho, 103; no casamento, (*veja*); posição da criança, 67; nos complexos, 175, 176; pai e

filha (veja Corda), 178-81; pai e filho, atitude com respeito a, 71, 72, 93, 94, 175, 178, 180, 181, 190, 205, 206, 240; propriedade, 79; Tchambuli, 233

Feitiçaria (veja Magia e Morte), acusações de, 125, 129-31; cerimonia da moça, 108; chagas, 160; curas para, 117; estranho, 99; forno divinatório, 35; homens das Planícies, 37, 38, 39, 49, 123; quem é o feitiçeiro, 102; sedução, 114; "sujeira", 38, 75, 76, 92

Festas, *abullu*, 52; Arapesh, 33; de família para a mulher, 93; depois do nascimento, 59; iniciação (veja); lugar de, 34, 35; luta, 48, 50, 144, 157, 179, 191, 206; meninas, 109; Mundugumor, 171, 176, 181, 185-87; relação de *buanyin*, 51; restabelecer, 50; Tchambuli, 234, 235, 244, 249

Filhas (veja Família)

Flautas, 50, 83, 85, 87, 173, 179, 181, 186, 208, 239

Fortune, Reo F., 15, 16, 177, 223, 244

Fuga, 48, 115, 122, 155, 158, 184, 214

G

Gêmeos, 190, 192, 193, 223, 224

Gerud, 43, 104

Gisambuti, 224

Governo Britânico, controle, 169, 225, 230; nomeados, 223, 261; oficiais, 230; prisão, 230; proteção, 237

Governo político, nenhum, 42, 47

Graham Kenneth (Edward e Selina), 287

Grande homem, 47, 48, 51, 53, 72, 123, 131, 145, 151, 181, 185

Gravidez, aborto, 137, 160, 259; atitude Arapesh, 56; controle do nascimento, 57;

enjoos matinais, 56; *Marsalai*, 42; mulheres das Planícies, 124; Mundugumor, 189, 190; solicitação de criança, 193; tabus, 56, 60, 121, 262

Guerra, armas, 37, 38, 173, 174; ausência de, 47, 48; desaprovação de, 73, 76; entre aldeias, 42, 48; mulheres na sociedade moderna, 297; Tchambuli, 235, 236, 273, 297, 298

H

Habitante do pântano, 171, 172

Henyakun, arbusto, 108

Herança (veja Economia)

Hipótese, 271, 285

Homem (veja Grande homem, *Tamberan*), aptidão natural, 51; como pais, 55-59; cultos, 16 (veja *Tamberan*); dócil, 220; inquietude, 78; qualidade de membro da casa dos homens, 240; ornamentos, 234, 235; papel assexuado, 94; papel do Arapesh, 23-24, 39, 40, 50, 51, 55-59, 88; papel do Mundugumor, 176, 185-91, 233, 234, 242, 244; papel do Tchambuli, 249, 250, 253, 254, 256; trabalho, 44, 45, 46, 61, 172, 173, 184, 185; violento, 50, 225

Homendjuai, 138, 139

Homicídio, 47-49, 156, 160, 225, 251

Homossexual, 249, 280, 281, 288, 289, 300

Hospitalidade, 34, 45, 175, 235

Hostilidade, aldeia, 48; estranhos, 75, 144; Mundugumor, 175; pai, 182; Tchambuli, 242; tradições, 36

I

Iatmül, 166

Ibanyos, 104

Idade avançada, 84, 85, 94, 103, 124, 216

Idade, classe etária, 274; como noivo, 106, 210; contraste de idades, 146; em comportamento, 67; ênfase, 145; grupo, 78, 94; no casamento, 129; responsabilidade, 192, 182; identificação, 82, 282, 284, 286, 287

Idugen, lagarta, 108

Ilhas do Almirantado, 279

Inadaptação, anti-social, 161; atitude na sociedade moderna, 289; casamento, 138, 139 (veja Casamento); causas da, 157, 259-61; cultural, 278; defeituoso, 122, 129, 133, 261; definição de, 277; doença, 103; explicação da, 150, 151, 152, 156, 157, 159; falta de padrão para, 144; mulheres, 223, 224, 261, 262; Mundugumor, 219, 221, 222, 225; psico-sexual, 280-81; sociedade complexa, 299; Tchambuli, 260-63; violência, 50, 144, 145. (Veja também Agilapwe, Amitoa, Kaviwon, Kwenda, Omblean, Ombomb, Sumali, Temos, Wabe, Yabinigi, Yangitimu).

Incesto, 100, 101, 201, 202

Indengai, 262

Índios, Cheyennes, 20; Dakotas, 25; Planícies, 280; Zuni, 279

Infância, primeira, 69, 70, 190, 197, 203, 204

Infância (veja Criação da criança, Infanticídio); andar, 196; atitude com respeito, 195-97; choques, 64; choro, 64, 194, 196, 242; doença, 195; empréstimo, 69; mundo hostil, 189, 196; pai-criança, 61, 69, 145, 190, 242; passividade, 77; postura, 64, 194, 195, 196; regras da, 197-200; rejeição, 197; relação com as mulheres, 242; segurança, 65-69; vida da, 203, 204

Infanticídio, 56, 57, 60, 155, 159, 170, 191, 192, 223

Informante, 223

Iniciação (veja Escarificação), engolir, 89, 90, 91; essencial, 90, 92, 93; grande, 90, 91; meninas, 107, 108, 109, 110, 182; Mundugumor, 181, 182; novas responsabilidades, 93; pagamento da, 91, 158; significado da, 92, 110, 207, 208; tabus quebrados, 92; *Tamberan*, 86, 87, 88; Tchambuli, 240, 257, 258

Inoman, 136, 157

Insano (veja Inadaptado)

Interrogação, 77

Inversão, 25, 248, 280, 281, 289

Irmã (veja Irmãos)

Irmão (veja Irmãos), irmão da mãe, 144, 158, 184, 186, 204

Irmãos, 99, 106, 121, 145, 175, 178, 179, 193; relações entre irmãos e irmãs, 99, 106, 107, 137, 150, 179, 182, 183, 191, 192, 193

Iwamini, 145

J

Jejum, 60, 105, 107

Jogos (veja Práticas orais), 71, 76, 77, 203, 204, 210, 247

K

Kalekúmban, 221, 222

Kalingmale, 259

Kanehoibis, 43

Karudik, árvore, 108

Kawivon, 261, 262

Kenakatem, 167, 224

Keram, rio, 166

Kilimbit, 251

Kina, 237, 244, 245, 246, 247, 256, 262

Kobelen, 153, 154, 155

Kolosomali, rio, 236

Komeákua, 221

Koshalam, 245

Kule, 61
Kumati, 105
Kwenda, história de, 223-25,
279

L

Laabe, 145
Labinem, 160
Lenda, 222
Lendas, 60
Liderança, (veja Grandes homens, *Buanyin*, relação com; *Wabe*), capacidade de, 151; como é usada, 42, 47, 50, 51, 151, 185
Ligação, 113, 114, 115, 248, 249
Limpeza, 31, 69
Língua, 16, 35, 83, 121, 171, 172, 198, 232, 234, 261
Linhas patrilineares, 42, 120, 178, 240, 246, 250
Liwu, 104, 154, 158
Lua de mel, 123
Luluai (nomeado do governo), 261

M

Madge, 127, 345
Magahine, 160
"Maggie", 283
Mágica, 36, 39, 48, 57, 58, 79, 110, 114, 117, 143, 148, 152, 154, 172, 254, 262
Magiel, 104
Maigi, 105
Maldição, 74, 130, 151, 158, 159, 175
Malipik, árvore (usada na magia), 108
Manufatura (veja Economia)
Manum, história de, 138, 139
Manuniki, 161, 162
Manus, 24, 78, 285
Maori, 21
Mapas, 165-68; mapa da Nova Guiné, 18
Marienberg, 167
Marsalai (sobrenatural, geralmente personifica uma cobra ou anfíbio), 42, 43, 46, 56, 57, 60, 107, 143, 160, 210, 241

Masai, 20
Máscaras, 173, 181, 234, 248, 258

Mbunda, 223, 224
Mebu (terra usada como encantamento), 109

Me'elue, história de, 123, 124, 130, 131, 132, 137
Megan (mulher casada dentro do mesmo clã), 121

Menala, 134-37, 152, 157

Meninas, acessos de raiva, 72; aventuras, 213; beleza, 98, 104; borbulhar dos lábios, 66, 67; escolha do jovem, 104; expressão vicária, 287; iniciação, 107-10, 182; preferência por, 153; qualidades desejadas, 99, 102, 197; quebra de tabu, 105; trabalho das, 77, 104, 110, 249; troca ("retribuição"), 180, 204; vida das, 103, 104, 106, 107, 210

Meninos, atitudes, 243, 244; borbulhando os lábios, 66, 67; casamento, 101-03; dependente da mulher, 244; educação, 78, 89, 93, 150, 151, 202, 205; esportividade, 73; iniciação, 82, 89, 90, 182, 207, 243; isolamento, 243; matar prisioneiros, 207, 236; meninos mais velhos, 203, 243; noivos, 233; pagens, 63; parentesco, 202, 203; preferidos, 57; rejeição, 71, 72, 258; relação com o pai, 71, 178, 206; situação, 206, 287, 289; trabalho, 77, 210, 234; vida, 210

Menstruação, 34, 42, 56, 60, 88, 105, 107, 117, 118, 121

Método, escolha do campo, 166, 167, 168, 229, 230; divisão do trabalho, 16; uso do tempo presente, 33, 169

Miduain, 104

Mishin (espírito), 117

Mitologia, 60

Modas, 36

Monbukinbit, 251

Morte (veja Feitiçaria), atitude com respeito a, 195;

brincando, 259; efeito sobre a esposa, 132, 133; enterro, 107, 174; festim da, 235; luto, 119, 174, 240; Mundugumor, 216; noiva, 122; ossos do, 148; responsabilidade pela, 38, 39, 49, 75, 119, 143, 160; ritual após, 114, 119; Tchambuli, 240, 259; vingança pela, 157

Mosquiteiros, 174, 180, 236, 246, 252

Mulheres (veja Roupas, Casamento, Esposa), compensação moderna, 290, 291; contraste de idades, 146; cunhada, 120; dominância, 253; entre os Tchambuli, 246, 247, 249, 252, 256; função das senhoras, 23; imagem perigosa para, 172; mulheres das Planícies, 116; no complexo, 175, 176, 205; papel das mulheres entre os Arapesh, 22, 39, 40, 145, 255, 256; papel entre os Mundugumor, 206; proveito, 252, 256; segurança, 33; solidariedade, 244, 253; *Tamberan*, 85, 86, 88, 89, 105; tipos de, entre os Arapesh, 116; trabalho, 32, 44, 129, 172, 173, 179, 184, 185, 233, 234, 245, 256; velhas, 84, 85, 216; violências, 154, 225

Mundugumor, caráter, 174; estrutura, 216; estrutura formal, 221, 222; hostilidade, 176; não-ganancioso, 208; números, 171; organização, 177, 178; ricos, 184; território, 167, 170; vida ideal, 175, 255, 256
Música-canções, 35, 36, 50, 241
Mwai (máscaras usadas no cerimonial Tchambuli), 247

N

Naguel, 61

Nahomen, 157

Nascimento, amas, 58; idéias de concepção, 55, 56; nor-

mal, 51; onde, 56; pai da luz, 56, 58; parteira, 263; Tchubukéima, esposa de Yangitimi, 261, 262

Natun, 129-31
Natureza humana, 146, 147, 269, 271

Ndebáme, 222

Nkumkwebil (uma planta usada na magia), 108

Noivado, Arapesh, 97; destruído pela morte, 122; escolha, 98; Mundugumor, 210, 214, 215; novo lar, 103, 104, 106, 122, 133; rearranjado, 106; significação do, 113, 114; Tchambuli, 244

Nomes, clã, 241, próprios, usados no nascimento, 58

Noviço, 233, 234

Nugum, 117

Numba, 222

Nyelahai, 85, 129, 130, 151, 152

O

Oceania, 107, 281

Ombléan, história de, 222-25, 263, 279

Ombomb, história de, 123-31, 134, 137, 152, 156, 159, 219

Onanismo, 69, 82, 83, 118

Órfãos, 245, 247, 251, 253

P

Pai (veja Família e Criança)
Papéis maternos, 40, 41, 59, 197

Parentes afins, 43, 44, 45, 51, 68, 99, 100, 101, 102, 120, 134, 135, 144, 175, 184, 202, 244

Parentesco, admoestação da criança, 73; brigas, 48, 49; classificação, 198, 199; decisão em termos de, 47; expressão de raiva, 74; feitiçeiro, 38, 39; gracejo, 198, 202, 203; jogo, 203; Mundugumor, 171, 177, 178, 179, 180; "papaizinho", 240; quem protege a esposa,

134; quem são, 67, 68, 74, 75, 76, 81, 144, 149; Tchambuli, 244; segurança, 67, 68; termos, 201; viúva, 119. (*Veja* Relações afins, Corda e Linhas patrilineares.)
Paternidade, 56
Pele, doenças, 120, 160, 161, 193, 251 (*veja* Tinha)
Peleva (um feitiço masculino), 175
Penhor, sistema de, 244
Personalidade, aberrante, 151, 159; caracteres, 63, 64; condicionamento social, 268-71, 274, 283, 284, 285, 293, 295, 296; em três culturas, 268; ênfase da, 148, 168, 255; liderança, 51, 145; meninos, 151; mulheres, 217, 233, 259; Mundugumor, 190; padronização, 271, 294-96, 299; papel na hipótese, 298; sexo, 280, 281, 290, 297; Tchambuli, 255; temperamento, 301; tipos de, 162, 268, 296
Planícies, homens e mulheres das, 37, 38, 49, 64, 74, 75, 102, 116, 123, 137, 139, 143, 147, 153, 154, 156, 160, 167, 279
Poder, 191, 246
Poligamia, 60, 94, 95, 119, 121, 137, 174, 178, 179, 245, 246
Práticas orais, atitude para com vômito, 117; beijar, 119; borbulhar os lábios, 34, 66, 71, 77, 90; mastigar e fumar, 118; Mundugumor 196; não chupar polegar, 66; sensibilidade, 118, 119; símbolo da infância, 66; tabus, 118
Presentes, *abullu*, 52; enterro, 174; iniciação, 183; menina adolescente, 108; nascimento, 59; Tchambuli, 243; troca, 37; viúvas, 119
Propósito do estudo, 23, 26, 165
Propriedade (*veja* Economia)
Prostituição, 224

Puberdade, filhos (primogênitos), 42; fim da, 52, 53, 110; iniciação (*veja*); meninas, 82, 86, 107, 136, 182; meninos, 89, 91, 181, 258; pontos de ênfase, 92, 93, 181, 207; segregação de, 90, 107; supervisão, 110; tabus, 104, 105, 187
Putnam, Mrs. E. J. S., 23

R

Rapto, 48, 122, 134, 135, 145, 157, 259
Recrutamento, 167, 223, 230
Reféns, 172, 173, 174, 206, 209, 210
Relações sexuais, abertas, 104; Amítoa, 153; Arapesh, 117-118; clímax, 118, 153; complexidade, 248; Ombomb, 123; Wabe, 133, 134, 152 (*veja* Casamento)
Religião, adivinhação, 143; cultos, 134, 181, 182; espíritos, 42, 45, 107, 119, 143, 158, 240; espíritos da mata, 175; idéia da vida, 142, 143; imagens, 172; mulheres e o sobrenatural, 145, 146. (*Veja* Magia, *Marsalai*, *Xamã*, *Tabus*, *Tamberan*.)
Representações, 247, 257, 259
Residência, 44, 45, 69, 70, 175
Robinson, Eric, encarregado distrital, 229
Roubo, 79; alimento, 235; "roubou-a", 105, 126, 179; "roubou a irmã", 206
Roupa, 35, 38, 68, 116, 176, 197, 233, 234

S

Sagu, 105
Samoa, 147, 272, 279
Sangofélia, 222

Sangue, feminino, 49; hostilidade, 244; iniciação, 90; masculino, 40; perda de, 50; perigoso, 56; relação, 134; ritual, 114

Sausua, 101
Sauwedjo, 123-31, 132, 134, 156, 219
Seaubaiyat, 104
Sedução, 105, 114, 116, 146, 152
Sepik, rio, 38, 166, 167, 170, 173, 229, 230, 231, 234, 236, 261
Sessão, 43
Sexo, assexuado na meia-idade, 94; categoria social, 284, 285, 286, 297; conceitos entre os Arapesh, 40, 55, 56, 103, 104, 113, 114, 291; conceitos entre os Mundugumor, 168, 178, 179, 180; conceitos entre os Tchambuli, 248-52; conceitos nos tempos modernos, 22, 23; contato físico, 285; definição, 146; diferenças, 68, 71, 88, 273, 274, 275, 296, 302; dominância, 23, 24, 25, 26 (*veja* Crescimento); instinto, 146; práticas orais, 66, 67; *Tamberan*, 83
Sibéria, 20, 21, 281
Silisium, 138, 139
Sinabai, 104, 133, 135, 136
Sistema, ambiente, 34, 175, 176, 199-201, 242; atitude com respeito à vida, 36, 37, 38, 39, 40, 99, 100, 141, 142, 147, 148, 184, 255, 256, 258, 259; contrastes, 145, 195, 198, 219, 220, 229, 236, 239, 240, 255, 256; emoções e, 148; tipos de comportamento, 47, 49, 50, 51, 75, 175, 198; valor, 36, 41, 42, 142, 147, 148
Society of Friends, 273
Suabibis, 99, 158
Suapali, 160
Suicida, 174
Sumali, 46, 139

T

Tabu, alimentar, 90, 182; carnibal, 171; crescimento, 93; da mãe, 56, 57, 60; da menina, 104, 118, 182; dos velhos, 94, 103; "engua", 59;

genital, 92, 118; gerações, 205; inhames, 82; lactação, 193; pai, 58, 59, 60; totens, 223
Talibu (*Turba* concha, inglês pidgin), 234, 237, 244, 245, 246, 247, 256
Tamberan (patrono sobrenatural do culto dos homens), 49, 56, 83, 84, 85-91, 94, 137, 161, 297; casamento, 114; chegada, 84, 87; convocação, 127; das mulheres, 86, 88, 89, 105; emergência, 87, 156; homens do litoral, 86; papel da integração, 181; significado, 86; Tchambuli, 257
Taumulimen, 116
Tanum, 263
Tapik, 158
Taufunbank, 261
Tavalavban, 252
Tchambuli, características, 245, 256, 292; estrutura, 240; fuga e retorno, 230, 231, 236; motivo, 16; número, 233; organização, 241, 246; território, 230; vida diária, 234
Tchengenbonga, 252
Tchengokwale, 263
Tchubukéima, 262
Tchuikumban, 251, 252
Técnicas, 46, 69, 70, 147, 148
Temos, 85, 133, 135, 136, 137, 138, 151, 152, 156, 162, 219, 279
Temperamento, aberrante, 22; Arapesh, 132, 142, 143, 148-51; como social, 284; compensação para gente talentosa, 291, 292; cultura, 148, 270, 272, 274; diferença entre os sexos, 146, 165, 205, 206; explanação do Arapesh, 147; extensão, 149; ideal do, 26; inadaptados, 150; individualidade, 147, 148; liderança, 145; padrão entre os Mundugumor, 206, 229; sexo e, 267, 268, 289; sociedade baseada no, 300, 301; Tchambuli, 256, 263, 298

Terra, relação com, 42, 43, 44, 46, 178, 240
 Thurnwald, Dr., 166, 167
 Tinha, 102, 117, 123, 126, 261, 274
 Todas, 24
 Totoalaibis, 158
 Trabalho (veja Rapazes, Moças, Homens, Mulheres, Esposas), horticultura, 45; métodos, 46, 47
 Trabalho, divisão do, 61
 Traição, 173, 175, 261
 Travestismo, 280, 281
 Tribos, escolha das, 166, 167, 168, 229, 230; médio Sepik, 236, 246 (veja homens das Planícies); mista, 175
 Tutela, 68, 104, 111, 146, 215, 248

U

Una, 104
 Ungindo, 59

V

Vaerting, Mathilde e Mathis, 23
 Violação, 117, 225
 Virgindade, 211, 216
 Viúvas, 72, 98, 101, 103, 119-21, 132, 133, 174, 205, 216, 217, 249, 250, 251
 Voss Research Fund, 15

W

Wabalal, inhames, 108
 Wabe, história de, 133-37, 152, 153, 156, 157, 159, 162, 219, 279
 Wadjubel, 105
 Waginara, 160
 Walinakvon, 246

Wallis, 234
Warehas (nome Arapesh para *Tamberan*)
Waribin (homens das Planícies), 74
 Washkuk, montanha, 230
 Welima, história de, 134, 135-37, 152
Wheinyal (planta usada na magia), folha, 108
 Wihun, 123, 138
Wishan (forma indireta de magia), 154
 Wissler, Dr. Clark, 15
 Wompun, 262
 Wupali, 128
 Wutue, 133
Wulus, saias de palha, 99

X

Xamã, 20, 21, 240, 241

Y

Yabinigi, 48, 129, 130
 Yaluahaip, 160-62
Yamo (irmão em Arapesh), 129
 Yangitimi, 261
 Yapiaun, 138
 Yauwiyu, 133, 137
 Yelegen, 145
 Yelusha, 145
 Yepiwale, 251-53
 Yesimba, 224
 Yomonihii, 115
 Yuarimo, 170
 Yuat, Rio, 167, 170, 171, 172

Z

Zulu, 20
 Zufii, 279

ANTROPOLOGIA NA PERSPECTIVA

- | | |
|---|---|
| <i>Sexo e Temperamento</i>
Margaret Mead (D005) | <i>Os Nuer</i>
E. E. Evans-Pritchard (E053) |
| <i>O Crisântemo e a Espada</i>
Ruth Benedict (D061) | <i>Antropologia Aplicada</i>
Roger Bastide (E060) |
| <i>Repensando a Antropologia</i>
E. R. Leach (D088) | <i>Claude Lévi-Strauss ou o Novo</i>
<i>Festim de Esopo</i>
Octavio Paz (E107) |
| <i>Êxtase Religioso</i>
Ioan M. Lewis (D119) | <i>Makunafina e Jurupari:</i>
<i>Cosmogonias Ameríndias</i>
Sérgio Medeiros (org.) (T013) |
| <i>Pureza e Perigo</i>
Mary Douglas (D120) | <i>Afrografias da Memória</i>
Leda Maria Martins (PERS) |
| <i>O Fim de uma Tradição</i>
Robert W. Shirley (D141) | <i>Dias em Trujillo: Um Antropólogo</i>
<i>Brasileiro em Honduras</i>
Ruy Coelho (LSC) |
| <i>Morfologia e Estrutura no Conto</i>
<i>Folclórico</i>
Alan Dundes (D252) | <i>Os Caraíbas Negros de Honduras</i>
Ruy Coelho (LSC) |
| <i>Negro, Macumba e Futebol</i>
Anatol Rosenfeld (D258) | |